31761 07045113 3

PQ
9261
M25
A16
18--

TRECHOS DE FOLHETIM

CONTOS A VAPOR. por JULIO CESAR MACHADO — *Contém:* Prefacio—O Capitão da penna verde—Um rendez-vous—A lenda do sapato—Vida de um artista—A Bailarina—Mimosa—Delirios—Uma aventura—Festa de S. Pedro no Seixal Simples caso de um faisão—Uma noite de Hermann—Os dois espiritos.—Preço **200** réis.

CONTOS ELECTRICOS, por MIGUEL COBELLOS—*Contém:* Prologo—A Mulher poetica—Amor por musica—O Homem das Camelias—Elle—Um desafio—Uma victima da elegancia—Lição a espertos—Entranhas de pai—Audacia no descaro—Academia de paradoxos—Os Proverbios—A roupa e o frio.—Preço **200** réis.

CONTOS E DESCRIPÇÕES. por PINHEIRO CHAGAS.—*Contém:* Duas palavras ao leitor—Viagem ao Porto, dividida em nove capitulos, onde se descrevem minuciosamente os monumentos, edificios, e costumes dos habitantes—Uma pagina da vida de Elesbão da Motta, quatro capitulos—Amor filial, sete capitulos—A semana santa em Lisboa.—Preço **200** réis.

PRIMAVERAS DE CINTRA. por LEITE BASTOS. *Contém:* A' leitora—Na Peninha, dois capitulos—Espinhos e flores, seis capitulos—O demonio conjugal, tres capitulos—Ave Maria, quatro capitulos—Leandro do Carvalhal, oito capitulos—Excerptos de um livro inedito—Folhas seccas, doze capitulos.—Preço **200** réis.

ROMANCES DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Memorias de Guilherme do Amaral.	500
O Esqueleto.	500
A Queda d'um anjo.	500
O Olho de vidro.	500
Cavar em ruinas (no prelo).	500

LEITURA PARA CAMINHOS DE FERRO

TRECHOS

DE FOLHETIM

POR

JULIO CESAR MACHADO

LISBOA
LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR—**EDITOR**
77—Rua Augusta—81

PQ
9261
M25A16
18--

Imp. de Sousa Neves—Travessa de Santa Catharina, 38
(Ao Correio Geral)

TRECHOS DE FOLHETIM

O folhetinista portuguez é talvez o primeiro escriptor do seculo. Meio moralista e meio cortesão, só lhe é permittido occupar-se dos assumptos que o publico acceitou: não havendo assumpto quasi nunca, cumpre-lhe tratar semanalmente de coisa nenhuma. Como o confidente da tragedia antiga, só conta ao seu illustre interlocutor, que é o assignante, o que este sabe tão bem como elle; mas em compensação, como o côro grego, tem a liberdade de dizer tudo quanto lhe vem á cabeça. Depois de escutar ás portas entra na sala para repetir á sociedade o que ella já ou-

viu e acrescentar-lhe observações de sua lavra. Quando não ouviu nada, quando nada se disse, enche cinco meias columnas sem dizer nada tambem. Não é um sacerdocio nem mesmo uma missão, como se dizia outr'ora da poesia e do jornal, é um empregosinho honesto que quadra lindamente a um homem de boa fé!

Coisa singular! Este papel de invenção moderna não principiou a desenvolver-se entre nós senão desde que Lisboa se tornou cada vez mais insipida. Quando o Marrare accrescentava todos os dias um capitulo novo ás chronicas da estroinice nacional; quando o elegante, que ainda não se reduzira ao janota, ia sem paixão e sem desejo talvez e só para ficar ao nivel dos mestres, mas ia, destruindo por escandalosos episodios a paz das familias; quando as pateadas de S. Carlos quebravam os bancos e levavam o administrador a orar da frisa; quando os rapazes da moda pareciam haver apanhado a guitarra de Don Juan e a escada de corda do Camões do Rocio: quando o entrudo devastava as vidraças: quando se beijavam por aposta mulheres que iam no passeio publico pelo braço de seus maridos; quando existia a

«Sociedade do Delirio» e quando verdadeiramente existia o delirio da sociedade, —havia um só folhetinista, um folhetinista apenas, aquelle mestre de nós todos, aquelle talento encantador, aquelle gentil espirito que a loucura surprehendeu um dia e que deixou para sempre atraz de si o jardim da poesia e da mocidade!

Hoje que acabaram as folias, os desafios elegantes da vaidade, da extravagancia, da rapaziada, hoje que já não se devoram patrimonios, que os rapazes preferem a uma amante uma cadeira em S. Bento, que todos são sérios, que todos são graves, que todos são semsaborões; hoje que tudo passa com uma suave serenidade; que pareceu eliminar-se a phantasia, o prazer, o amor, as festas nocturnas; hoje que todas as frontes de vinte annos vergam pesadas de enfado, e que a indolencia dos espiritos attesta unicamente preoccupações de interesses e gosos de convenção; hoje que tudo dorme, hoje que tudo ressona, ha de todos os lados folhetinistas conscienciosos, que se esmeram em contar a si proprios dia por dia esta vida mesquinha, como as mulheres que quanto menos consoladora é a imagem que elle

lhes mostra mais a miudo se miram ao espelho!

Quero eu dizer com isto que o folhetinista em Portugal seja um personagem inutil? Deus me livre de tal. É util como um enfermeiro, cuja vigilancia oxalá tivésse, e de que possue apenas o obsequioso despotismo. Não fallo da loquacidade, visto que deve ser contada no numero das prendas. Occasiões ha em que é bom observar todos os symptomas, notar os entorpecimentos, as modorras e até as incoherencias que denunciem a vaga saudade de melhores tempos. Se o folhetim sentado hoje á cabeceira de Lisboa adormecida, interrompesse a narrativa a meia voz com que todas as semanas a emballa, a dorminhoca encommodar-se-ia com isso e dir-lhe-ia logo:

—Continúa! Eu não durmo! Eu bem te oiço! Anda, falla! Mas não falles de rijo, é o que eu te peço!

E cumpriria principiar de novo sem saber se para adormecer, se para acordar!

Tão grande zelo não poderá ficar sem recompensa. O folhetim, fiel durante as largas horas de torpôr, terá um dia o jubilo de annunciar e saudar a convalescen-

ça. Ha de chegar tempo em que, depois d'esta noite de Lamego, Lisboa dirá, acordando, ao folhetim:

—Porque me acho eu a sós comtigo? Estive, pois, bem doente? Delirei, não é assim? Estou muito mudada, dize!?

Mas quem sabe se, a esse tempo, o folhetim haverá adormecido tambem?!

* * *

É dia de anno bom.

Vejam-me aquelle sujeito, que estreou hoje um fato novo. Não o percâmos de vista. Vae um pouco incommodado. Ha individuos que nunca tiveram um casaco especialmente talhado para elles; este é dos taes. O fato não tem tido tempo de se lhe amoldar ao feitio, nem o feitio d'elle de se amoldar ao fato. Por baixo de cada braço uma tesourada boa fa-lhe ao pintar: os braços, afastados da vertical por um poder sobrehumano, caír-lhe-iam pelo busto abaixo que era uma maravilha. Dava-lhe mais *gagé!*

As botas estão-lhe estreitas, e põem-lhe cada callo em effectivo minuete. Havia de soffrer bastante, se não estivesse tão con-

tente da sua vida! Mas está-lhe a pular a alegria por todos os lados, reluz, scintilla, resplandece, vae todo direito, emproado, magnifico, espectaculoso, evitando que lhe toquem com o braço os que vão passando, com receio de que lhe dê macula similhante contacto, embirra com os andaimes, tem odio aos pedreiros, amua-se quando vê o moço de ourives a varrer a porta!

Duas preocupações, qual d'ellas maior, lhe invadem o espirito e lho subjugam:— Se o fato lhe fica bem!—Não apanhe alguma nodoa!—A cada espelho que avista, nas lojas, mira-se d'esguelha todo desvanecido. Entra de proposito no Martinho, como quem procura um amigo, para se rever em si dos bicos dos pés á cabeça!

—A calça não me vae mal; mas estou com medo de que minhas pernas sejam um *apice* mais compridas!

O *apice* é que o incommoda. No *apice* vae tudo! O *apice* é a calça, a calça é o homem, o homem é o *apice!*

Procura no olhar dos viandantes um indicio de approvação; ás vezes um sorriso ou outro fica-lhe suspeito, mas prefere não o entender. É feliz, passeia, quér que o vejam, quer principalmente que o admi-

rem; no domingo, a chuva prejudicou-o muito, mas o sol claro de segunda feira indemnisou-o com liberalidade, e elle foi á abertura das camaras, percorreu a vasta rua de S. Bento, compareceu no passeio publico, deu uma volta pela baixa, e esteve em duvida todo o dia de ir ou não fazer visitas. Visitas para quê? Terá que se sentar, lá vae uma joelheira, prega aqui, mais prega acolá, e depois o fato novo não brilha nada dentro de casa... É melhor não ir. Não vae.

Passa a hora do jantar da familia. Chega-lhe certa debilidade. Está airoso, mas sente-se fraco. Ir petiscar, tem seus perigos. As casas de pasto não são seguras. Os moços são de uma imprudencia, de uns descuidos... Vejam agora se caísse uma porção de esperregado n'uma sobrecasaca de panno pilôto! Basta ter em cima de si uma sobrecasaca nova para lhe cair esperregado. Pois então o panno pilôto! O panno pilôto attrae o esperregado que é um Deus nos accuda!

—Mau! Um salpico na manga, ao pé do punho! Diabo! Já me tardava esta historia! Temol-a travada!

E assopra, e assopra mais, e assopra

sempre,—e o salpico insiste, resiste, persiste. É caso de unha. Tanto esgravata, que o maldito salpico some-se.

—Oh! meu Deus, eu t'o agradeço!

As ruas estreitas são-lhe antipathicas. Não comprehende que haja ruas estreitas, em que se ande exposto á lama que os trens levantam, e ao embaraço dos cangalheiros. Com pueril terror, passa, escorregando-se pelas paredes, mas sem se roçar por ellas, que isso tambem tem seus riscos, e a cal com estas humidades de tão rigoroso inverno está a caír por todos os lados. Este dia de anno bom ha de ficar-lhe de idéa. Chegou a saír, e não se atreveu a voltar a esquina, tal era a chuva; virou logo para casa muito lépido, conchegando as abas do paletot como uma mulher a arregaçar as saias, e, quando acordou na manhã seguinte e viu o dia claro, reconheceu que a Providencia não é uma palavra vã!

* * *

A penna me cae das mãos, ao traçar aqui similhante enormidade,—Withoyne e Sechi, os palhaços do Circo, deixam Lisboa ámanhã!...

Substituir Withoyne,—vejam por um instante se é coisa que caiba no possivel! Quando a natureza produziu esse ente prodigioso, parou de certo e disse: «Fiz um Pierrot!» Ainda hontem se me disse no Circo que elle tem sessenta annos, e que vae retirar-se da carreira em que tem brilhado. Vae, pois, rasgar-se o molde, e quebrar-se a fórma dos palhaços! Cantores, actores e bailarinas, será facil achar quantos se queiram, mais mil francos menos mil francos por mez, antes que a conjuncção que presidiu ao nascimento de Withoyne tenha logar sob o sol!

Que vivo olhar! Como aquelle nariz inchava de piléria! Como elle abria fulminantemente aquella bocca enorme destacando na farinha das faces! Que jogo de physionomia! Que caretas homericas! Como elle dava as bofetadas, e, ainda melhor, como elle as recebia! Que rijeza de nuca em perpetua ironia aos carôços da taboa do companheiro! A bofetada é o palhaço, o ponta-pé faz o resto. Elle possuia tambem no primeiro grau da perfeição a divina arte d'este ultimo manejo; o seu ponta-pé era vivo, bem accentuado, com um movimento de chicote, e trepando a qualquer

altura, de perna direita, sem perder nunca o equilibrio. Esteve por vezes vae não vae a esconder a ponta do sapato n'um olho do collega Sechi e a fazer-lhe saltar a cabelleira, de mãos atraz das costas!

Era um sabio. Exercitou-se durante annos no remanso do gabinete, uma hora por dia, de encontro a um moxo forrado de crina e aguentado por dois homens em progressivas elevações. Estudou os mestres e consultou os auctores,—os bons, bem entendido, e não os que poderiam corromper-lhe o gosto—até conseguir tão prodigiosos resultados.

Eu vi Debureau em Paris, Debureau que tem sido o rei dos palhaços da Europa, assim como Withoyne deve ser o rei dos palhaços do mundo. Quando os actores Tasso e Santos partiram para França, exigiu-lhes a minha amizade no abraço de despedida que fossem ver Debureau; elles fizeram-lhe a vontade, e Santos, n'uma carta, incendido n'um enthusiasmo artistico, que lhe custou uma estampilha, declarou-me que era esse homem o maior artista que elle por lá vira. Eu já o sabia; eu pensava o mesmo, e alegrei-me pelo seu voto. Unicamente Tasso, homem re-

belde á mimica e que só é capaz de rir da palavra, manteve o seu serio de galan veneravel, e reconhecendo no mimico um talento raro disse-me todavia com gêstos de magoa pela arte—«Que pena elle não fallar!» Pois bem: este homem endurecido nas paixões, este seductor chronico, este famoso e enfastiado galan, de quem todos nós gostâmos tanto, foi uma vez ao Circo Price este anno: na occasião em que trabalhava Withoyne, os meus olhos fixaram-se no estimavel actor do theatro normal; os seus colleirinhos inglesissimos, aquelles aprumados e estadisticos colleirinhos, que a população da capital d'estes reinos ha tantos annos lhe observa com maravilha, resistiam em toda a implacavel e engommada austeridade de sua força ás graças do clown: conservava-se serena sua physionomia, a golla alta não lhe estremecia, em todo elle não se revelava indicio algum de regosijo: Withoyne n'essa noite, estava sobrehumano, estava mais que sobrehumano—estava sobre-Withoyne! As trincheiras applaudiam-o em delirio, as creanças choravam de satisfação, as senhoras tinham ataques nervosos de alegria, os porteiros encostavam-se uns aos outros para

não cairem de riso, os musicos desafinavam de hilariedade; eu distrahia a attenção percorrendo com a vista a turba jovial, e, imaginem qual foi a minha estupefacção, quando, ao pregar o olhar em Tasso, fui encontral-o—rindo!...

Como conseguira, como realisara este milagre o impagavel palhaço? Nada mais simples, pelo exercicio de seus dotes: pela impassibilidade imperturbavel, pela tolice fina, pela finura tola, pela credulidade sceptica, pelo servilismo desdenhoso, pela distracção occupada, pela actividade ociosa, pela fanfarronada de poltrão, por todos os pasmosos contrastes que elle exprime n'um piscar d'olho, n'um morder de beiço, n'um encrespar de sobrancelhas, n'um gesto fugitivo e immortal!

Eu fui hontem, domingo, vel-o trabalhar. A noite estava, como viram, tormentosa. Deu-me gosto atravessar os rigores do temporal para ir aproveitar uma das suas ultimas recitas, demonstrando a mim mesmo por esta maneira um pouco humida, até onde chega a minha exaltação por esse popular artista, que até faz rir a gente quando apparece pintado nos cartazes! Os seus admiradores *pro forma* haviam ido

na vespera saudal-o, em plena festa, ao seu beneficio; mas debaixo d'agua, mas zombando dos elementos, mas desprezando a prudencia da propria conservação, fui eu, e não me arrependo; lá estavam outros, diga-se a verdade, ainda ha tafues de feição.

Dava-se uma pantomima: davam-se duas pantomimas, não confundâmos; a *Mumia do Egypto*, composta, ao que dizem os annuncios *pelo sr. Withoyne*, e os *Fabricantes de moeda falsa*, *I falsi monetari* como pede o cartaz na lingua de Metastazio.

A *Mumia do Egypto!* A este simples titulo pressentem-se corredores talhados em penedia, paredes cobertas de hieroglyphos e de procissões allegoricas, que devam ter occupado milhares de braços em milhares de annos: corredores de interminavel extensão dando para quartos quadrangulares que tenham poços ao centro, aos quaes se desça por meio de ganchorras ou de escadas em espiral; poços que conduzam a outros quartos, de onde desemboquem outros corredores egualmente mosqueados de gaviões, serpentes, mil trapalhadas misticas, interminaveis lendas de granito que só os mortos tenham tempo de ler du-

rante a eternidade... Já estamos a ver d'aqui alguma vasta sala, tão desmarcada de proporções que não possa avistar-se-lhe os limites, estendendo-se filas e filas de columnas monstruosas, tremendo por entre ellas lividas estrellas, de luz amarella, pontos brilhantes a revelarem profundezas incalculaveis... Lá estão sentados de certo em seus thronos os reis das raças subterraneas: velhos altos, sêcos, encarquilhados, côr de betume, lardeados de peitoraes e de gollas formidolosas, perfeitas constellações de preciosissimas pedras, com olhos de esphinges e compridas barbas embranquecidas pela neve dos seculos: tendo atraz de si os seus povos embalsemados, aguentando-se de pé n'uma attitude espécada propria da arte egypcia...

E, por fim de contas, nada d'isto é. Withoyne não é como os dramaturgos debeis que exigem ao scenario o segredo dos seus triumphos; não quiz apparato, prescindiu dos artefícios da *mise-en-scène*, dispensou o scenografo inglez da companhia de molhar os pinceis no arco-iris para conseguir effeitos nunca vistos; bastou-lhe uma saleta, uma sincera saleta azul como na Rua dos Condes, com uma mobilia tão

pouco complicada que só consta de duas cadeiras, uma mesa, e um relogio de parede ao fundo. Ah! Mas no relogio de parede é que Withoyne poz d'esta feita todo o seu talento. Vejâmos:

Desde que a pantomima é pantomima, existe implacavel guerra entre Pierrot e Arlequim; são os dois typos, que abafaram a gloria do Polichinelo da Italia. Ninguem soube melhor toda esta historia do que o nosso D. José Serrate de saudosa recordação; todos os domingos, na praça dos arlequins, um rebanho de garotos de pé descalço applaudiu durante annos a personificação d'estes tres vultos immortaes, incumbidos todos tres a D. José o infatigavel, que vinha como Polichinelo dançar na corda e mostrar-se insensivel ao fogo de arteficio, como Pierrot bater nos que caiam, desancar os mortos, ter por divisa o *Væ victis*, e fugir a sete pés se os defunctos resuscitassem, e como Arlequim pavonear-se feito serpente de escamas de furta-côres com um rabo de macaco por enfeite. Tudo isto ia afastar-nos do ponto a que nos propunhamos, que é o de contar em simples termos a *Mumia do Egypto*. Vamos a ella.

É no seio de uma familia, esta familia tem uma filha; esta filha tem um namorado; este namorado tem um rival; o amante é Arlequim, o rival é Pierrot: Pierrot mata Arlequim. Mas, matar Arlequim é bom de dizer, Arlequim não morre; finge-se defuncto, e, apanhando desappercebido o seu assassino, esconde-se na caixa de um relogio de parede. Reclamo toda a attenção do leitor n'este ponto, porque elle é o facto principal da composição de Withoyne,—o relogio de parede. Descançado da sua vida, e nada agitado pelo remorso, Pierrot pede a menina ao pae, o pae vae conceder a menina, a menina não quer ser concedida a Pierrot, e Arlequim, no seu esconderijo, havendo-se previamente sarapintado de mumia, jura vingar a menina e o seu proprio affecto. D'ahi em diante, tudo são surprezas. Pierrot está lendo uma carta ao futuro sogro, a mumia vem arrancar-lhe o papel; Pierrot está escrevendo, a mumia vem tirar-lhe o tinteiro; Pierrot está sentado á mesa disfructando uma modesta illuminação de duas velas de estearina, a mumia vem apagar-lhe as luzes. De todas as vezes, elle volta-se inquieto, procura, investiga, e nada vê: o relogio

de parede esconde subitamente o espectro seringador. Atordoado de pasmo, cambaleando de susto, e movido de um remorso mais que tragico, um remorso mimico, resolve dar a sua demissão de noivo; e patenteia a seu sogro estupefacto tão inesperada nova: o pae indigna-se pela menina, a menina exulta por Arlequim, Arlequim deixando de ser mumia reclama a menina para legitimas nupcias, e o relogio de parede livre de *um corpo estranho*, principia a trabalhar marcando para esta familia as horas do triumpho do amor.

Passemos á outra pantomima, sem o menor commentario. Eu respeito as obras do genio e prosto-me reverente perante as combinações d'estas modernas Iliadas.

Os *Fabricantes de moeda falsa!* Horror! Terror! Pavôr! Onde irei eu buscar um estilo bastante negro para descrever com regularidade um caso de tal ponderação? Ergue-se o panno sobre a classica vista de montanhas. Ao fundo, no alto, está o palacio do archiduque. Qual archiduque? Um archiduque. Por baixo uma ponte, como era de esperar. Ao lado, no primeiro plano, uma tócca por onde saem os fabricantes de moeda falsa, que vem confe-

renciar ao ar livre a respeito de uma paixão. Vê-se entre elles o chefe e o sub-chefe. O chefe tem um casaquinho de velludo, bota de espora, chapéo de plumas, bigode e pera; o sub-chefe tem um roupão de lã azul, um chapéo tambem de pluma, e é imberbe.

A leitora n'este ponto mande vir o seu frasco de saes aromaticos, e o leitor evite ter uma apoplexia fulminantissima, — o chefe de bigode e pera é Withoyne, e Sechi é o sub-chefe imberbe! A pantomima pecca desde logo por orthodoxa, e o caso degenera em heresia. O chefe está louco de amores pela filha do archiduque, a quem o sub-chefe sem dizer nada a ninguem adora tambem em silencio, que é por fim de contas como se ama nas mimicas. O chefe combina com os companheiros roubarem a filha do archiduque, e tudo se ajusta para esse mesmo dia.

Ahi nos apparece o archiduque, a filha, meia duzia de bailarinas, um principe estrangeiro, e os guardas: o principe estrangeiro está de carmesim com um barrete de paladino, e cara de quem quer casar; a filha do archiduque ia pertencer-lhe, se o chefe dos moedeiros falsos não apparecesse dis-

farçado em peregrino (ó Withoyne, não vos bastava tão escandalosa infracção a vossos habitos, concebendo uma paixão e rompendo no excesso de deitar bigode e pera, quizestes destruir completamente a harmonia de tão bem conceituado caracter, por meio de disfarce e rapto!) e não roubasse a menina á força. (Emfim Withoyne, quarenta annos de triumphos, a fallarmos a verdade, podem de alguma maneira legitimar vossa ousadia; mas, apezar d'isso...)

Já se vê que ha carcere. O principe consegue penetrar nos subterraneos e não o leva a breca porque o sub-chefe, movido de ciume por vêr a moça em poder d'outro, põe-se a favor do inimigo; (ó Sechi com o antigo trage tradicional da branca calça e da cabelleira de *clown* haveis tambem abandonado os sentimentos de homem de bem?)

Withoyne não consegue todavia seduzir a sua victima, e, depois de malogradas tentativas, o sub-chefe prepara-lhe morte macaca, fazendo saltar uma ponte com elle e com o cavallo, graças a um barril de polvora, que serve de facho do hymineu á filha do archiduque e do principe de carmezim. Ó barbaro Sechi, ó imprudente

Withoyne,—que essa pantomima, em que haveis sacrificado vossas tradicções e costumes, sirva ao menos de exemplo a futuros moedeiros falsos, e mesmo aos presentes... se os ha!

Ámanhã diz-se adeus a tudo isto, e a elles mesmos se lhes dirá adeus, porque partem para não voltar. Boa viagem, pois, alegres e espirituosos artistas, que tendes dito com vossas visagens cem vezes mais do que tantos tagarellas, a quem por ahi se applaude nos palcos a titulo de actores;—ide, ide divertir os outros, como já nos haveis divertido a nós: é justo; mas, n'esses frios climas dos povos do norte, aos quaes vos dirigis e onde o riso gella nos labios, alguma vez vos recordareis, quem sabe, da nossa gargalhada ruidosa e franca?

* *
*

Tenho pena que a historia se refira a um agiota, porque os agiotas estão já tão gastos que ainda é mais difficil hoje apanhar d'elles *assumpto* que dinheiro! Entretanto, a verdade historica coage-me a referir-lhes que um agiota anafado e vermelho, que emprestava com juros moderados, segun-

do o estimavel uso d'esta classe benevola, alugou n'um predio, que tinha o incommodo de possuir, o andar inferior áquelle que habitava.

O inclino novo instalou-se, e pagou um mez adiantado. D'ahi em diante, dormiu o dia inteiro, saiu para jantar nos Irmãos Unidos, ás dez horas recolheu sempre, fechou as janellas, accendeu o candieiro, e traquinou toda a noite.

—Em que diabo trabalha este homem toda a santissima noite? dizia a si proprio o senhorio com um suavissimo sentimento de curiosidade.

No fim do mez, o inquilino pediu-lhe auctorisação para passar a casa, por se achar resolvido a ir viver n'um quarto d'aluguer.

—Se apparecer quem tome a casa, respondeu o senhorio, não me opponho a isso, e até lhe alugo ao senhor um quarto na minha.

—Sem comida?

—Sem comida, se assim prefere.

—Á razão de quanto?

—Tostão por dia!

—Não é máo; acceito.

Alugou-se a casa, e o homem foi domiciliar-se no quarto de tostão do andar supe-

rior, continuando na vida antiga, — dormir de dia, sair á tardinha, recolher ás dez horas, traquinar toda a noite.

O senhorio, curiosissimo, principiou a espreitar o hospede mysterioso, até que deu com elle sentado a uma mesa, tratando de copiar uma nota de moeda.

Abriu a porta com violencia, e, precipitando-se sobre o habilidoso sujeito, gritou-lhe:

— Você é um miseravel!

— Bem sei! respondeu o hospede.

— Que está o senhor a fazer?

— Isto que vê!

— Moeda falsa?

— Moeda falsa.

— Em minha casa, senhor!

— Em sua casa. Acabei hontem os meus ensaios, e esta é a primeira notasinha em termos que deito a limpo. Faltam-lhe ainda uns toquesinhos á penna, e fica obra aceiada!

O inquelino, proferindo taes fallas, pegou na penna, e fez uns arabescos.

— Agora, proseguiu elle, póde o senhor denunciar-me á policia e perder para sempre um pobre diabo, excepto se...

— Excepto...

—Excepto se quizer associar-se comigo. Em menos de seis mezes podemos arranjar uma fortuna enorme e irmos dar cabo d'ella por essas Europeas!

—E as notas prestam?

—Experimente!

O agiota, que tinha de fazer um pagamento ao Banco, agarrou da nota, metteu-a entre outras, e elle ahi vae.

Ó surpreza! O caixeiro achou a nota excellente.

O agiota, pela primeira vez na sua vida alugou uma sege; e foi para casa.

—Querido amigo, disse elle ao inquilino, a coisa correu bem, correu mui bem!

—Era infallivel!

—Pois é preciso continuar!

—Continuemos!

—O que me parece asneira...

—Ah!

—O que me parece asneira é você arriscar-se a ir pela barra fóra, sem trabalhar em grande! Tanto custa a fazer notas de uma moeda como de vinte mil réis ou dez moedas.

—É verdade. O que precisava era modelos!

—Isso é o menos, eu lh'os arranjo.

— Um para cada valor, dê cá!

E o senhorio entrega ao hospede uma nota de dez mil réis, uma de dezoito, uma de vinte, e uma de dez moedas.

— E agora, diz o agiota, mãos á obra!

— Mãos á obra!

O senhorio vae-se deitar, e o hospede trabalha.

No dia immediato, o patrão, o empresario, o fornecedor quer ver se o artista de notas falsas passou bem a noite, isto é, se trabalhou bem toda a noite.

Bate á porta, a porta está aberta. Entra no quarto, o quarto está vasio.

O senhorio até á hora em que foi d'este para melhor mundo, o que ainda levou um par de annos, esperou sempre pelo hospede. O hospede não voltou. Esperou tambem pelas notas de dez mil réis, dezoito mil réis, vinte mil réis, e dez moedas, que lhe confiára, mas... tambem não voltaram.

* *
*

Bem sei que lhe deu para alli, á maior parte da gente, de apregoar que o gato seja Caim e Satanaz e não sei que mais horrores, e o cão se acceite como o ami-

go do homem! Ha observador que chega a dividir a humanidade em cães e gatos: os bons são cães, e os maus são gatos! Sejam lá juiz com taes mordomos!

N'isto ha pontos que averiguar.

Quando a gente bate n'um cão; aprende a desprezar os seus similhantes; em batendo n'um gato, aprende a respeital-os. Os abolicionistas podem clamar quanto quizerem contra a escravatura, em quanto houver cães haverá escravos. Chamam-lhe agora o amigo do homem! Vejam se um cão a lamber os pés do amo que lhe está a dar bordoada, não é antes o symbolo da escravidão que o da amizade!

Conheço apenas um homem que estima verdadeiramente os gatos, mas é um homem que vale por um cento, para tudo que significa opinião — é Camillo Castello Branco. É louco, é perdido de sympathia por essa familia alegre que brinca ao sol ou no borralho. Entretem-se com elles, com elles compõe, elles o inspiram muitas vezes, e se fica de vez em quando com signaes de quem se chegou a elles é por puro galanteio de não ter querido calçar luvas na sua companhia.

Ingratos?! Ingratos, em que? De que

fórma haviam os pobres bichinhos de manifestar o seu reconhecimento? E eu gosto d'esta historia de fallar d'ingratos,—onde estão por ahi os que só pensam em fazer bem?! Que queriam então que fizesse o gato,—que salvasse gente nos incendios, ou que escrevesse artigos nos periodicos a elogiar seus amos? Já não fazem pouco em nos entreter, quando saltinham um para os nossos joelhos, outro para cima dos nossos hombros, outro para cima da mesa, e tudo a brincar, e tudo a miar!...

Conheci uma senhora, por signal morava á Cruz do Taboado, que por ter muitas relações não tinha campo para recolher cão nem gato; entretanto, de tempos a tempos, quando se fechava na saleta a fazer as suas contas e ler as do procurador, achava um gato plebeu, gato sem eira nem beira, que vinha espreital-a á janella. Queria sacudil-o, mas elle olhava-a com os seus grandes olhos verdes tão intelligentes que não tinha animo de o despedir. No verão, quando andava passeando no quintal, o gato descia das alturas do telhado, para a acompanhar sobre a relva. Chegou a senhora a desconfiar que fosse um espirito invisivel aquelle gato, e prin-

cipiou a fazer-lhe festa. Caiu doente, e o gato que nunca se arriscára até á alcova, lá appareceu todos os dias. Ás primeiras visitas, não fazia mais do que passar; a pouco e pouco, deixou-se ficar uma hora inteira, finalmente não queria ir-se embora. A ultima noite passou-a toda debaixo do leito da moribunda. Assim que ella espirou, elle fugiu chorando. E, na manhã seguinte, houve quem o visse enforcar-se no ramo rachado de um castanheiro.

* *
*

Taborda voltou já durante esta semana ao seu reportorio mais recente no Gymnasio, depois de haver caído na semsaboria de estar quinze dias doente, falta imperdoavel n'um tão engraçado homem. O que vale é que compensa esses quinze dias de insipidez com a alegria que observa no publico em o vêr restituido á scena, alegria que augmenta a d'elle e o está levando a não ser apenas chistoso no tablado, mas tambem na rua. Anda de um humôr precioso. Na sexta feira foi vêr a parada, scintilante de jubilo. Na Junqueira, chegou-se a elle um saloio—sem sonhar se-

quer que estava fallando com quem sabe ser mais saloio que elles—e perguntou-lhe se a parada era na Junqueira ou no campo das Selesias em Belem. Taborda não respondeu. Insistiu novamente o saloio, e Taborda nem palavra. O saloio abanou-o. Então Taborda decidiu-se a fallar e disse:

—Queira desculpar não lhe poder responder, mas não sei uma só palavra da lingua portugueza!

—Então perdóe, disse o saloio perturbado tirando o chapéo.

E foi perguntar a outra pessoa onde era a parada.

* * *

Conta-se um caso de dois ratões, que terminaram pouco jovialmente os seus dias, morrendo enforcados, que me lembra centos de vezes quando escrevo no alto de uma folha de papel a palavra «folhetim»! Eram dois patuscos, amantes da boa alegria, galhofeiros sinceros, extremosos pela boa pinga, muito dados a comes e bebes, e sinceramente afeiçoados pelas graças de sobremesa, certas pilérias que vem a proposito entre a pera, o queijo, e a amendoa torrada, nas memoraveis merendas

de horta, ou mesmo nos jantares classicos da casa das Campainhas. Um d'elles principalmente era um pimpão chistosissimo, e—Deus lhe falle n'alma!—o malvado mais gracioso de ditos, que dar-se póde; basta dizer-lhes que havia tido a habilidade de divertir pelos seus bons repentes, em todo o tempo que durou o julgamento, os advogados, o auditorio, os beleguins, e o proprio cumplice. Quando iam para o patibulo, disseram a este farçola, tão maroto quanto jovial:

—Se fizeres rir o teu companheiro, serás perdoado.

—Famoso! disse o padecente. Trata-se de ser espirituoso! Isso então é a valer?

—É cousa decidida!

—Pois vamos a isso! De mais a mais, por fortuna minha, o meu companheiro dá o cavaco por bons ditos!

—Temos homem?

—E mais que temos!

Palavras não eram ditas, principiou o nosso heroe a pescar mentalmente uma chalaça boa. Lá quando lhe pareceu que engendrára uma, saiu-se assim:

—Ó camarada, como tu vaes primeiro, deixa-me ficar os bens!

—Não acho graça a isso, respondeu o outro.

—Com dez mil diabos, não estás hoje para a cousa. Eu acho pilhas de sal ao que te acabo de dizer; mas em fim!—A proposito, recommendaste á familia que te arejasse o quarto de vez em quando?

—Estás-me a aborrecer, homem! replicou o outro, cada vez mais sombrio.

—Olé! Esta agora! Tu hoje não estás bom! Positivamente, não estás no teu natural! Que queres tu então? Dize o que queres? O que é preciso inventar para divertir teu animo?

E o outro callado, cabisbaixo, ar soturno e *impremeavel*.

—Se nós pedissemos uma seje de bandeirinha, a titulo de termos frieiras? disse este ainda, em ultima tentativa.

—Tens feito uma asneira em ires tantas vezes ao theatro, replicou o companheiro; tens-te tornado insipido!

Chegaram d'esta maneira ao sitio fatal, e o companheiro não havia rido. Ó leitor! Quantas vezes a ti proprio te vejo eu taciturno, brusco, mal disposto, pegar com mão sevéra na imprudente folha que te leva esta palestra semanal, em que eu tantas

vezes, como o condemnado, me esforçarei debalde para te distrahir?

* *
*

Um anão para mim, é a coisa mais feia que ha no mundo: mais feia que um macaco ou um porco; preoccupa-me, affligeme, offende-me, tomo-lhe odio.

Um phenomeno vivo ainda me parece mais quesilento do que um phenomeno empalhado, ou em espirito de vinho. Dos gigantes, que são sempre melancolicos, modestos, e mettidos comsigo, deve ter-se dó, porque são uns pobres diabos que não sabem o que hão de fazer n'este mundo; mas os anões! Um é retrozeiro, outro é empregado publico, outro é negociante; vão a toda a parte, em toda a parte cabem, vestem-se com um metro de fazenda, e quando morrem não precisam mais do que um caixão pequenino! Os gigantes, coitados, passam uma existencia muito mais pesada do que a dos anões, porque nem namorar podem; quem seria agora a menina que se expozesse a affrontar seu gigantesco amor! Para lhes dar um beijo é preciso uma escada de mão; e elles mes-

mo para fazerem a barba a si... trepam-se a uma cadeira, senão não chegam! Emquanto que os anões vivem alegremente, quasi todos são janotas, namoram e casam por dá cá aquella palha, vão a todos os divertimentos, e passeiam pela rua com um e outro, em grave risco de darem alguma cabeçada nos callos de quem vae passando!

* *
*

Partiu esta semana um actor portuguez para o Brazil. Não é isto o que me admira... O que me admira... é não terem ido todos!...

Não sei realmente como é que os homens de talento podem viver com pouco dinheiro. Escriptores e artistas, precisam levar vida explendida. Os que entram na vida por uma porta doirada enfastiam-se do luxo um dia; mas as existencias difficeis que luctam com todo o vigor dos seus dois braços contra a miseria, sentem ás vezes, quando o raio do genio lhes illumina a alma, a sêde devoradora do bello, que a febre das aspirações ateia!

Pela minha alma juro, que não comprehendi nunca esses philosophos de trapeira

que desdenham a fórma e sorriem até dos que pedem á vida a sua face mais prestigiosa e mais brilhante! Conta-se de escriptores notaveis mil caprichos de elaboração, para poderem entregar ao mundo, n'um romance ou n'um poema, os mais bellos sonhos da sua phantasia. Precisa um, achar-se n'um palacio, cercado de todas as magnificencias da moda e do gosto, sentado diante de uma mesa em que brilhe o tinteiro que lhe deu um principe, a penna que lhe offereceu um enthusiasta, a carta que lhe escreveu uma duqueza, o retrato que lhe deu uma *prima-donna*.—Outro veste-se como para um baile, e escreve de luva *paille* e gravata branca.—Outro ainda, faz do dia noite, fecha hermeticamente as janellas, accende os candelabros, descobre os sophás, e trabalha então.—Um ultimo, espera a melhor hora de um baile, quando o amor sorri e a esperança nasce, e foge á festa, e foge ao mundo, ainda com os ultimos sons da orchestra no ouvido, para se enclausurar no seu quarto e compôr!...

Entre nós, não se lembra ninguem que o luxo possa influir no talento, e que a imaginação dependa ás vezes das sumptuosidades do mundo exterior. As typographias

tem uns escriptorios detestaveis, mal alumiados, mal mobilados, sujos, humidos, feios, impossiveis. Não ha uma poltrona, não ha um sophá, não ha um reposteiro, não ha um fogão. Mais ainda,—não ha livraria, não ha collecção dos jornaes pela sua ordem, não ha sequer diccionarios! E todavia, é alli que se escreve quasi sempre cada noite, é alli que se pensa, que se discute, que se ensina! É alli que os senhores Sampaio, Antonio de Serpa, José Estevão, Rebello da Silva, Lobo d'Avila, Lopes de Mendonça, Thomaz de Carvalho, Gomes de Abreu, Mendes Leal, Francisco Bordallo, Casal Ribeiro, e mil outros teem passado as suas verdadeiras horas de jornalistas! É alli que pernoita o talento, a vida, a politica, o paiz!...

Vêde os theatros! Nos theatros ha,—quando ha!—uma pequena sala de paredes nuas, ou forradas de um papel velho e sujo, onde os actores, as actrizes, os auctores, e as visitas, podem fumar e conversar. O Gymnasio é o unico theatro em que esta sala seja decente, elegante, e propria. Uma galeria de retratos dos principaes actores francezes, que Taborda trouxe de Paris, orna as paredes. Além d'es-

tes, o retrato de Epifanio e de Tasso, uma pequenina photographia do violinista Noronha, o busto da Alboni, e o retrato da Ristori. Os outros theatros, incluindo o normal, ou não teem Caes do Sodré, ou o teem detestavel. Chama-se Caes do Sodré a este *foyer* de cavaco. Assim, o theatro da Rua dos Condes tem um feissimo, o theatro das Variedades tem um horrivel, e o theatro de D. Maria... não tem nenhum!...

E todavia,—digam embora que me engano ou que exaggero!—o espirito dos actores deve resentir-se d'esta ausencia de commodidade e de gosto. Nos intervallos, ou durante as scenas em que não representam, é alli que elles conversam, de uma maneira graciosa pelo contraste de idéas que se agitam, um em traje de general, outra de princeza! Substitua-se a farda por um palettot, e o manto por um vestido de lã, e cuidar-se-ha estar assistindo n'uma saleta de terceiro andar a uma conversação entre um recebedor de decima e a esposa de um cambista!

Nas noites de bom humor encetam-se e deixam-se em meio mil historietas, que cem vezes se recomeçam e cem vezes se

interrompem, atravez das peripecias da comedia!

As actrizes, durante as peças em que não entram, fazem meia ou *chrochet;* os actores fumam o seu cigarro... e dormem: os auctores fallam das suas peças... e fazem dormir!...

Das dez para as onze horas, apparece algum jornalista ou algum *habitué.* Ateia-se então durante meia hora, a um canto. alguma discussão salvadora sobre questões d'arte e d'esthetica, sobre uma causa de tribunal ou um artigo de jornal litterario, sobre uma morte ou um casamento, sobre fulano que se enforcou ou sicrano que se deixou namorar, sobre a chuva ou o tempo secco, sobre a mudança de ministerio ou as felhoses de entrudo, sobre todas as coisas d'este mundo... *y muchas más!...*

O caso é que Simões partiu para o Brazil, e que tudo que vae dito tem nascido naturalmente sem o mais leve proposito de se dizer, porque me propunha apenas a registar a noticia; o meu estylo, porém, este estylo pueril e caprichoso, que tão depressa corre como se detem, obriga-me a cada instante a excursões de espirito.

que ainda devem moer o leitor mais do que a mim!

Simões foi procurar fortuna: esta é a historia; o principe de Dinamarca fez para um caso d'estes o seu *that is the question!* Procurar fortuna; phrase velha, que explica uma idéa nova, uma idéa toda moderna, uma verdadeira idéa do seculo dos caminhos de ferro e dos telegraphos electricos;—enriquecer á custa da saude, da felicidade, da vida, mas enriquecer!... Procural-a no seio da America, longe da familia e da patria, entregando a alma ás saudades e o corpo ás febres, mas enriquecer!...

E todavia, Simões não era um d'estes temperamentos infelizes, que se devoram na ambição e na inveja; ao contrario mesmo; é um homem docil, contemporisador e ameno, um excellente homem. Eu dou á leitora a regalia... de não escrever folhetins durante um mez, se vossa excellencia, minha senhora, tiver o condão de adivinhar em Simões, ao encontral-o pela rua, um artista, e principalmente um artista de theatro!

Os nossos actores dividem-se em duas seitas curiosissimas: uns, á maneira de Ta-

borda, de Isidoro, de Santos, e de Cesar, abotoam o *frac* desambiciosamente, dão o laço da gravata com uma simplicidade de estudante, e usam umas cabelleiras enormes, que lhes dão o ar de quem parte para a gloria com a superstição capillar de Samsão!...

N'outros, como Theodorico, Sargedas, Tasso, etc., o seu pensamento dominante é a respeitabilidade. Vestem-se com o maior cuidado, evitam a mais leve prega na camisa, andam sempre de chapéo novo, são affaveis, cerèmoniosos, reverentes. Dir-se-ia que toda a sua ambição é irem viver para uma casa de campo com a competente quinta, e serem nomeados administradores do concelho!...

A uns e a outros faz excepção Rosa. Esse é um typo á parte. Sente-se o pintor, na sua fórma de trajar. Chapéo baixo, capa traçada, bigode retorcido, attitude artistica, e todo o ar altivo e desdenhoso dos talentos que têem a coragem da lucta.

Ora, Simões pertencia á seita da respeitabilidade. Parecia um proprietario honesto, que renunciára aos castellos phantasticos da vida de rapaz, para se entre-

gar á edificação de bons predios e ao cultivo das virtudes domesticas!

Quem não penetrou nunca no palco de um theatro,—e ainda ha muita gente que tem medo de lá ir!—faz dos actores e actrizes um bicho de sete cabeças. É uma illusão, que, até certo ponto, se comprehende;—é difficil separal-os completamente dos papeis que representam: as palavras que lhes dicta a phantasia dos auctores parecem a sua linguagem natural. Não ha maneira de alguem imaginar que o comico, que nos faz rir tanto, não seja o homem mais jovial da creação, que o galan não possua um coração ternissimo, e que a ingenua, de olhos baixos e voz timida, deixe de reunir todas as qualidades do seu sexo e do seu emprego!

E todavia, como a verdade é differente de tudo isto! Um dos artistas mais engraçados que têem pisado o palco dos theatros de Lisboa, era na vida o homem mais melancolico e taciturno que eu tenho conhecido. Chamava-se Moniz: todos nós ainda nos lembramos do seu espirito e do seu nome. Elle fazia as delicias do publico do Gymnasio, no tempo em que no Gymnasio não se fazia senão rir. Ninguem

ainda entre nós teve a arte da carèta,— que é uma verdadeira arte para os actores comicos, como Moniz. O mais leve tregeito d'aquella exotica physionomia, fazia tremer a platéa n'uma gargalhada. Depois, —tão depressa enchugava a cara dos riscos da caracterisação,—embrulhava-se no seu albornoz, o pequenino homem, accendia um charuto, e não dava mais palavra. Esta qualidade de temperamento tornou-se n'elle uma doença. Procurava a solidão com o mesmo empenho com que os felizes da vida procuram a sociedade e o mundo, e ía todas as tardes em busca de arvores, de silencio, e de ar!...

As opiniões sobrevivem por muito tempo ás coisas. Ha cincoenta annos ainda em Portugal se tinha ácerca da gente de theatro idéas dignas do *Gil Braz de Santilhana*. Um actor devia ser uma especie de vagabundo, pródigo, caprichoso, bulhento de manhã, saltimbanco á tarde, aventureiro á noite! Nas provincias ainda,—hoje ainda, sim!—ha pelos artistas dramaticos um certo terror, que não se explica, e uma má vontade, um quasi odio injustificavel! Em certa freguezia a quinze leguas de nós, vi eu já uma noite o terror ou a

maldade popular tentar impedir a concorrencia a uma récita de companhia ambulante, da seguinte fórma. Uma especie de arauto dos comediantes era encarregado na noite da representação de correr as ruas tocando n'um tambor, a avisar o povo para a funcção. A gente da terra deu outros tambores aos gaiatos, que principiaram de passeio n'um motim infernal, que tomava o ar de mascarada e perdia o de chamamento!...

Deus nos livre de irmos gabar n'uma terra pequena as qualidades de uma actriz. É o que basta para nos darem por judeu! A actriz é considerada alli como uma creatura perdida, com a cabeça recheada de contos e comedias, cheia de encantos e de perigos, dotada de um poder irresistivel, uma serêa tentadora, uma bruxa que tem philtros, e que transforma os homens em rochedos e em animaes!...

A vida de theatro significa para a burguezia a phantasia do espirito, a liberdade amorosa, o ruido, a extravagancia, a gloria, as relações faceis, o dinheiro que não custa a ganhar, e que por isso se gasta como os bens de sachristão, que cantando veem cantando vão!...

—Aquillo é má gente; dizia-me na Nazareth um santo homem: como estão excommungados, vingam-se em levar vida airada em quanto andam por este mundo!...

Para a sociedade de Lisboa e do Porto, a gente do theatro representa e significa o que verdadeiramente é. Todavia, o que nem todos sabem é que ha virtudes patriarchaes nos actores e actrizes portuguezes. Este prima em ser bom pae, o outro em ser bom visinho, aquelle em comer de peixe nos dias de jejum, aquell'outro em ter dois monte-pios para deixar botica certa á sua familia, etc.! etc.! etc.!

Em quanto ás actrizes são umas excellentes raparigas, que gostam de se dar com gente pacata, participar das alegrias innefaveis de uma honesta contradança, e visitar senhoras casadas. Sua conducta é a mais austéra. Se ha existencia methodica e regrada, em que o capricho e a aventura não se atrevam nunca a metter o nariz, é a das actrizes portuguezas. Os ensaios e as representações tomam-lhe a maior parte do tempo no theatro, consagrando aliás o que lhe resta a estudar os papeis e a dar na roupa os pontos précisos!...

Se isto é a immoralidade e a loucura, diga-me o leitor o que é que faz em casa, para, no caso de as exceder, eu tratar de lhe alcançar a medalha... da virtude!...

* *
*

[1] Que vingança original e excentrica, o *melodrama*, está tirando dos censores e do publico! Expulsam-o do theatro, e elle vem para o mundo fazer das suas! O que é toda esta negra historia da moeda falsa, com as suas prisões, os seus assassinatos e os seus suicidios, senão um complicado e monstruoso melodrama, mais pesado. mais escuro, mais tenebroso e lugubre do que toda a vasta familia do *Cego*, *Medico das Creanças*, *Livro Negro*, e quantos *chouriços de sangue* tem dramatisado a litteratura das *commoções fortes!*

Todos os dias se descobrem novos fios d'este trama fatal, todos os dias se dá a noticia de mais um indicio, de mais uma descoberta, de mais uma prisão! Chega a

[1] Foi lido aos jurados este trecho de folhetim, em pleno tribunal da Boa Hora, pelo senhor advogado o doutor Paulo Midosi no meio do seu discurso.

gente a ter medo de trocar meia libra n'um cambista!

E por fim—eis o que sobretudo é singular, e inverosimil como a maior parte das cousas verdadeiras — quasi todos os presos por moeda falsa não teem um vintem! De que lhes serve então fazer dinheiro?!! Ao menos, se pelo facto de fazerem dinheiro devem ser considerados criminosos, cumpre tambem admirar-lhes a virtude de não se servirem da vantagem das suas prendas!

Eu creio até, que elles fazem moeda falsa de proposito para não se servirem d'ella! Querem armar esta tentação á robustez moral da sua indole! Querem conhecer até onde é susceptivel de chegar a sua coragem! a sua abstinencia! o seu heroismo! Fazem moeda falsa, por virtude!... É uma nova fórma de ganhar o céo! Fazer dinheiro... para ser pobre!

O Rebolo, no *Manuel Mendes*, pergunta a um dos sucios da botica que se presta á farçada de enganarem o velho:

—O meu amigo em que se emprega?

—De dia, responde o homem, sou mestre de meninos; e á noite faço anneis e brincos!

— Antes fazel-os que tiral-os! redargue Rebolo em ar sentencioso.

Com o dinheiro, porém, já se vê que não acontece o mesmo que com os anneis e os brincos, e Rebolo diria á vista d'isto:— *Antes tiral-o, que fazel-o!*

* * *

Quando vejo nos passeios, no Concerto, ou em Cintra, umas poucas de senhoras demorando o olhar na vista ardente de uns bons rapazes, que andam a fazer-lhe a côrte, tenho pena que tudo aquillo seja a brincar, e de um instante para o outro se quebre como um vidro!

É coisa para observar, a mania que tem a nossa gente de fingir que não é virtuosa, sendo o que ha de maior virtude sobre a terra! Essa senhora casada, que acceita a côrte áquelle moço, com quem está conversando na mais despreoccupada e doce intimidade, abandonando-lhe a mão e o leque, nem ainda se entregou a elle, nem se entregará; o mundo já os accusa, as beatas velhas rosnam, os burguezes benzem-se, a sociedade aponta-os, e, por fim, elles não passam de dois innocentes

pombos, que se entreteem a fingir que peccam!...

Mais adiante, não vêdes aquella pallida physionomia, que deixa cair sobre vós os seus negros olhos, de expressão séria e melancholica, por uma maneira tão directa e prolongada que similhante attenção tem de inquietar-vos de esperança? Quando tentardes reduzil-a ao andamento usual dos amores da vida, vereis que coisa é seu ar de espanto, e como ella vos assegura que esses olhares, ausentes para assim dizer da pessoa que os recebe, são relampagos de um fogo sagrado, e preoccupações vagas do seu pensamento!...

Essa, que ahi admiraes tão alegre, tão descuidosa, tão facil em sorrir, em *coquettear*, e em dar-se ares de se deixar prender, compromette-se com o seu proximo sem outro proveito que o de conceder aos seus namorados que lhe beijem a mão nas escadas das modistas!...

Passa aos pulos essa tontinha morena, que estaes olhando, e de quem se diz a todo o instante:—«Como é bonita! Que buço malicioso e tentador! Dir-se-ia que ella tem, como Sansão,—a vida nos cabellos! Ha menos estrellas no céo, que

desejos no seu olhar! Como é viva, graciosa, e louquinha! É preciso fazer-lhe justiça, ella não é má... senão para o marido!...» E ahi está, que se engana o que disser isto, e que, apezar do seu todo de borboleta inquieta, essa menina, que faz tudo que póde para ter o ar leviano, não gosta e não gostou nunca senão do homem com quem está casada!... Ella não o diz, por em quanto, e só virá a confessal-o quando a unha devastadora da edade lhe enrugar a fronte, e que ella se arrependa das velleidades d'este mundo em que é bom tom errar, e em que as elegantes precisam, como o pescador que confia a barca aos ventos, atirar o coração aos caprichos!...

E no fundo de tudo isto, onde está o amor? O amor, que é o ponto central da organisação feminina, onde vão reunir-se todas as suas tendencias e todos os seus instinctos? Porque é então e como é, que a nossa sociedade tem o condão de tornar moda o que deve ser paixão, e constituir em galanteria o que precisa sempre ser um erro, e ás vezes um crime, para ter grandeza e despertar impressões? Ninguem vem ao mundo para pôr mascara; que

idéa louca é esta de fazer da vida um longo carnaval! Ficam-vos bem as flores e os diamantes; o amor fica-vos melhor ainda. Atravez das *nuances*, que apresenta o destino da mulher nas sociedades, a vossa historia é sempre uma. Nimphas seductoras dançando nos bailes, ou creaturas modestas costurando em casa,—bachantes desgrenhadas, de olhar fogoso e ardente, fazendo resoar os ares pelos seus gritos nas ceias e nas loucuras, ou escravas resignadas da vontade cruel do homem,—odaliskas voluptuosas nos harens, ou virtudes austeras nos claustros,—é o amor, é sempre o amor, o amor sempre, que vos illumina e vos dá poder!... Brincar com elle, tontinhas, é uma impiedade: ninguem pinta um quadro no ar, nem agrupa uma montanha com os atomos que se avistam aos raios do sol! Ama-se, ou não se ama: vive-se ou não se vive: eis tudo!

* * *

Era ás Janellas Verdes: na mais linda, na mais elegante, na mais deliciosa sala de jantar que ha em Lisboa: uma sala, que dá para um jardim: um jardim que dá

para o mar; fica-nos o Tejo a distancia de vinte passos, e, quando as vagas se agitam, vem cair-nos no prato uma flor, que a onda impelliu!

Ahi, reunidos, quatro amigos, jantavamos acompanhados pelo cavaco mais inquieto: um tiroteio de phrases, um bombardeamento de gracejos, um *sauve qui peut* de epigrammas: como teriamos sido completos, se tambem houvessemos tido... idéas!... A imaginação cáe em abatimentos lethargicos ao sair das prodigalidades folhetinisticas, e os meus amigos sentiram ao café os encargos de haverem gasto uns poucos de chistes agudos, desde a sopa! Tambem, que desperdicio! Ter espirito, antes da sobre-mesa! A quem lembra, similhante ostentação?!...

O céo mostrava-se sombrio, as nuvens aglomeravam-se humidas e pesadas, um vento calido e abrasado agitava os ramos escuros das arvores do jardim, e, com o cair da noite, a chuva rompeu phrenetica...

Então, os sons da guitarra de um tocador que ia passando, vieram morrer-nos ao ouvido!

—Guitarra! guitarra! gritámos todos, na

jangada do *spleenn*, ao avistarmos esta *véla* auspiciosa!

Um de nós, disse:

—É o cego!

E, n'um relampago, um criado saiu a procurar o cego, ajustou o cego, e trouxe o cego.

N'esse momento, que alegria inquieta e buliçosa! Como tudo se animou! Como tudo se sentiu viver! Os corações, que estavam inertes, palpitaram de novo, á simples esperança de uma hora de musica. Que mundo ou que abysmo, entre a melancholia em que haviamos caido e a vida em que nos achámos! É que, o coração, ardente ou gelado, tem os seus pólos como a terra! E a musica ia fallar-nos de poesia, de saudades, de amor! Ai! Amor! Amor! E haver imbecis, que pensam que a gente veio ao mundo para alguma outra cousa que não fosse amar!...

O cego vinha acompanhado por um pequeno. Sentaram-se ambos, ao fundo da sala, sem quererem beber mais do que um copo de kirsh.

—Pois, não queres vinho? perguntou-se-lhe.

—Mais logo! respondeu o cego, com

um sorriso de uma tristeza ironica que valia um poema!

Era uma cabeça singular, a d'elle! Apezar de uma fronte larga e calva, sulcada de rugas paralellas, e pouco fundas: apezar da profundidade das orbitas que lhe molduravam os olhos, a parte inferior do rosto dava-lhe todo o aspecto da mocidade pela tranquillidade de linhas e pela suavidade de contornos. Alli, não havia, de certo, a paixão; mas havia a intelligencia, alli! Intelligencia quebrantada, envelhecida e gasta, na lucta ignobil de uma vida sem pão! Em que negra melancholia devia suffocar-se aquelle espirito, ao medir a profundidade do abysmo a que o destino o arremeçára! Elle não pódia, o desgraçado! não podia senão escutar as mil vozes da natureza, e mergulhar-se em sensações tumultuosas, para fazer fallar á sua paixão a linguagem das harmonias terrestres nas cordas da sua guitarra obscura! A miseria tem angustias que não se dizem, e aquelle infeliz devia conhecel-as todas!...

Ao despregar a vista para o pequeno, não poude deixar de me sorrir tristemente. Era um engeitado, a quem o cego es-

cripturára para cantar com elle. Vendo aquella cabeça loira, vecejante de luz, de esperança, e de vida, cujas proporções exactas, cujo explendido colorido, revelavam uma das raras organisações em que todas as forças humanas se harmonisam, medi bem o abysmo que separava esses dois entes, unidos pelo acaso!...

O garoto largou a voz, e a guitarra principiou a suspirar, acompanhando uma cantiga de fado, que narra a historia de uns amores, cujo fatal desenlace ainda hoje se cita com susto em Traz-os-Montes, onde, como a letra o indica, o successo teve logar.

* *
*

Quando me ausentei de Lisboa, fiz ahi leilão de umas phrases de tarifa, de que usava sempre nas semanas sem assumpto, e sinto-lhes hoje a falta de uma maneira irremediavel! Era um bonito numero de formulas litterarias, tropos, aphorismos, periphrases artisticas, tudo muito bem conservado ainda!

Não havia cathalogo, mas pregoeiro. A venda estava annunciada para as dez ho-

ras da manhã, e ao romper do sol já alguns visitadores estacionavam á porta. Perguntava-se com curiosidade, se eu tambem me desfazia de elogios a poetas novos, e de umas razões para desculpar commissarios regios; correu o boato de que guardava isso... como lembrança!

Quando principiou o leilão, o meu quarto apresentava o aspecto mais brilhante; esperava-se que os meus collegas da chronica dos jornaes de Lisboa aproveitassem esta occasião de comprar as manhas folhetinisticas de um martyr cheio de experiencia!

A venda estreou-se por:

«O talento medita, combina, calcula, apalpa... O genio não precisa procurar! Vae sempre bem, vae sempre a horas! Por isso o nosso amigo... etc.

Quasi nenhuma influencia. Rumor de desdem. Ninguem tinha um amigo a quem dissesse similhante coisa,—ou, pelo menos, ninguem queria dizer similhante coisa a um amigo!

O leilão proseguiu por algumas phrases soltas:

«A magica embriaguez da arte...

«Lisboa dorme!

«A litteratura acaba de enriquecer-se por um bello livro do senhor...

«O publico affluindo a esta recita, demonstrará da fórma a mais eloquente os sentimentos de caridade que o distinguem!

«O senhor Theodorico, que conhece as platéas como ninguem...»

Alguns auctores, que ficam surprehendidos por acharem quem lhes compre as obras, accudiram com soffreguidão ao lanço das seguintes amabilidades:

«Este editor, que a poder de esforços, conseguiu dar impulso ás lettras nacionaes...

«Seriam poucos todos os louvores, quando se trata do editor d'esta recommendavel obra; não é um commerciante, é um amigo: não é um amigo, é um poeta: não é um poeta, é um pombo! Nenhuma idéa de interesse preside aos seus contratos; é puramente o amor das bellas lettras, que dita ao seu formoso caracter o nobre desejo do nosso engrandecimento!

«Mais uma publicação d'este editor fabuloso, que já este anno deitou á luz tres folhetos! Decididamente com homens d'estes é que o nosso paiz póde, e deve, florescer!»

A venda offereceu uma physionomia cada vez mais animada. Houve principalmente grande enthusiasmo pela acquisição de uma linha de reticencias a proposito de qualquer semsaboria; e entrou-se depois com panno cheio no romantismo. Antitheses, exaggerações, opulencias orientaes,—era a quem mais dava! Não havia mãos a medir para:

«Um céo de velludo azul!
«A furia das paixões!
«Um amor alto e profundo...
«O cadafalso dos sentimentos...

Quando se apresentaram as phrases attenciosas a proteger peças detestaveis, dir-se-ia o motim do *juizo final!*

O pregoeiro gritava:

«O auctor é um mancebo de merecimento, que ha de brevemente tirar a sua desforra, por uma nova composição que lhe valha um triumpho!

«As vistas são novas, e pintadas a capricho: o vestuario é tambem, pela maior parte, novo: a musica, extrahida de varias operas italianas, é muito apropriada: em quanto á peça, o talento do auctor é bem

conhecido, e o publico foi injusto talvez, pateando-a do meio em diante!»

As ultimas acquisições, por já ser tarde, não produziram impressão no auditorio, que principiava a retirar-se pouco a pouco. Á hora em que eu fazia as mallas, o pregoeiro gritava, ainda, sósinho:

«O bello clima de Portugal, ameno, temperado, suave, em que apenas uma doce brisa vem ao cair das tardes beijar as flôres...»

* *
*

Eil-o! Chegou! O grande acontecimento annunciado pelos prophetas!

A rua dos Condes existe! *Manuel Mendes* renasceu!

Renasceu o grande homem! Renasceu o grande genero! Renasceu a farça—senhores! A farça boa e franca, que não se disfarça para nos fazer rir, e que ri ella mesma das condições modernas da fórma e do estylo! Que é travêssa como um garoto, de umas vezes; jocosa como um sabio, de outras! Que tem golla alta e caixa de rapé, quando lhe parece: e se põe em mangas de camisa, se isto lhe agrada: que usa presilha na calca, sinete no relo-

gio, e collete de flanella: abre a bocca quando ri, e boceja quando tem somno!

Oh! a farça! a farça! Essa impagavel *burgueza*, que nem falla linguas, nem dansa!... Porque não toma ella a figura de uma mulher, que eu quero-a já para mim! Uma trigueirona alegre, que use sapato de tapete, ponha pomada de lucia-lima no cabello, passeie aos domingos de tarde no jardim da alfandega, visite a historia natural ás quintas-feiras, e conte sinceramente á visinha que descobriu para prato de meio a combinação de lulas com favas!... Creatura morigerada, que não vista na Lombré nem conheça as luvas de Jouvin, saiba pregar um botão e temperar uma sallada, e termine por dar a sua mão a um negociante de melaço!

Tem-se dito muito ácerca de *Manuel Mendes:* tem-se dito tudo, talvez; não é uma razão para eu me callar; ver-me-ia obrigado a dar baixa de folhetinista se tivesse pretenções a ser sempre novo! Tudo que é novo, produz uma repulsão instinctiva, uma especie de medo! É um engano, um tonto engano, cuidar que a variedade seja uma coisa agradavel á creatura humana! Os prazeres não são, pela maior

parte, senão habitos! A datar da creação do mundo, tudo tem sido um logar commum. A vida é um plagiario desaforado! Os mesmos instinctos e as mesmas acções, que os nossos avós ignorados tiveram em tempos immemoriaes! Todas as peças teem o mesmo fundo, todos os folhetins o mesmo segredo; fazel-as é o officio dos auctores dramaticos, desfazel-as é o officio dos folhetinistas! Tudo está pensado, tudo está dito, tudo está escripto. O mundo é o modelo em grande dos relogios de repetição! Desde o primeiro dia e a primeira noite, nunca mais se inventou nada!

A força de espirito, e justamente pela abundancia d'elle, está sendo hoje extremamente difficil achar um sitio onde a gente se ria! No gremio litterario, nas salas, e nos camarotes, faz-se uma abundancia tal de espirito, que é impossivel encontrar a graça da novidade! A litteratura está-se excedendo, e a comedia fina é agora tão delicadamente espirituosa que adormece o espectador sem o menor esforço. Hoje o negocio mais difficil é rir! Nem por dinheiro se consegue. Um amigo meu, da provincia, foi ao Gymnasio, ouviu *S. Gonçalo d'Amarante*, depois a *Probidade*, de-

pois *Trabalho e honra:* desceu o Chiado, respirou ao encontrar-se no Rocio, que é um sitio arejado e alegre, entrou no theatro normal e viu todos a chorar! Todos: actores e publico!

—Que é isto, senhor? perguntou ao porteiro.

—É o theatro normal!... respondeu este empregado, com o ar grave de um funccionario do governo.

—Mas, porque se chora tanto aqui?

—Coisas!

—Morreu o ponto?

—Ainda não!

—Isto, é uma tragedia?

—Peior!

—É uma cebolla?

—Peior! Muito peior!

—Então, é a *Dama das Camelias!?*

Adivinhou!

O provinciano poz-se logo a caminho, recordando a si proprio o undecimo mandamento do homem economico e prudente: *Por dinheiro não chorarás!*

—Vou para S. Carlos! disse elle. Na quaresma deu-se o *Barbeiro de Sevilha,* quanto mais agora na Paschoa! São capazes de estar dando a estas horas *A Cas-*

tanheira! Aquillo é que é um theatro alegre!

Dava-se a *Traviata*. Elle não conhecia este *spartito*, mas o titulo pareceu-lhe agaiatado.

—Aposto que nesta não morre ninguem, senhor? disse elle ao bilheteiro.

—N'esta, que?

—N'esta opera.

—Morrem todos.

—Hein? Morrem todos? Como?

—Como? A dama phtysica, n'uma cadeira; o amante com *caimbras* nas pernas; e o pae de velhice, em casa.

—Mas isso é ainda a *Dama das Camelias!*

—Pois, é o que é.

—Cá em cima, tambem?! E em musica! Os theatros do governo estão-se arruinando... em camelias! Guarde o bilhete: dispenso o espectaculo. Está-se morrendo muito nos theatros de Lisboa! Os comparsas são *gatos-pingados?*

—Estudantes d'anatomia!

—Oh!

E o pobre provinciano saiu do salão, sinceramente desgostoso por não haver em Lisboa onde a gente se ria!

Na rua Nova do Carmo ouviu dar dez horas. Em fins de abril, ás dez horas a noite principia apenas. Como, e em que, havia elle de empregar a sua? As lojas começavam a fechar-se, e o raro burguez honesto recolhia-se a penates. A um, que ia passando, dirigiu o nosso homem a palavra, d'esta maneira:

—Ha de perdoar a minha confiança, senhor; não sou de Lisboa. Saberá dizer-me onde mora aqui a farça?

—A farça, em Lisboa, mora... em toda a parte.

—Não acho eu isso, que não topo senão tragedias!

—Se procura, porém, a farça pura, a farça de nossos paes...

—Essa! Essa! A de nossos paes! Honrados homens! Onde mora essa regateirona?

—Vá o senhor andando na direcção do Passeio Publico: siga pela rua Oriental: corte á sua direita, ao topar a segunda travessa: hão de assaltal-o de bilhetes e chaves, mas não se assuste; aquelle é o verdadeiro Templo da Beneficencia,—ha todas as noites um beneficio! Por uns vintens de conta facil, fará a acquisição de

um bilhete da superior: entre, sente-se, e gose; estará no theatro da rua dos Condes!

—No theatro da rua dos Condes! Que diz, senhor! Pois é vivo? É ainda vivo, esse amigo de meu avô?

—Ahi vive a farça! Ahi pulam e brincam, todas as noites, comedias desconhecidas, que fazem ainda as delicias de um publico ignorado! Ahi ha a tosse do riso, e a careta do prazer! É o unico theatro de Lisboa em que o espectador não vae para ser visto... mas, para vêr!...

O provinciano não desejou ouvir mais. Em dois passos estava no Passeio: n'outros dois chegou ao theatro: no mesmo minuto ainda, entrava na platéa.

—A farça! Senhores! A farça?

—Vae dar-se em seguida! respondeu o porteiro.

—E chama-se?

—*Manuel Mendes!*

—Que! *Manuel Mendes!* O virtuoso letrado! O homem de boa fé! O ancião burlado! O noivo em bancarrota!

—É elle, senhor! Elle é!

—Oh! suprema alegria! Oh reconhecimento solemne! Onde é aqui o banco da

frente, em que meu pae se sentava quando ouvia este entremez?

—Os logares da frente estão tomados; tomados todos, senhor!

—E o terceiro banco, então? Era no terceiro banco que meu avô tinha o costume de sentar-se para ouvir esta peça, em que elle, n'um theatrinho particular, representára o capitão de milicia!

—Sim! Isso, é possivel; ha um logar vago ainda!

E o provinciano passou a vêr *Manuel Mendes*... no mesmo logar em que seu avô o vira!...

Manuel Mendes pareceu-me sempre ser uma obra altamente philosophica; assim como D. Quixote é o ridiculo do enthusiasmo, e a Dulcinéa de Toboso o ridiculo do amor, Manuel Mendes não é menos do que o ridiculo do casamento! Cervantes devia ter-se lembrado d'elle, e, em vez de empregar os seus rancores sobre os romances de cavallaria, escorchar os velhos que casam, que são os verdadeiros heroes burlescos das *cavallarias altas!*... Eu nem sonho Manuel Mendes um personagem esguio, verde, e sêcco por estar sempre ao fumeiro das idéas, como D. Quixote: nem

um pança gordo, curto, ignobil, e voraz como o Sancho, que representa a razão pratica; mas um termo-medio que aproveita da caricatura dos dois, e tem a habilidade de reunir com uma singular vantagem o ridiculo do ideal e o ridiculo do bom senso: homem de meia estatura, gordo se puder ser, um pouco sujo de rapé, mau letrado e peior noivo, hombros estreitos e orelha grande, e tolo até onde estiver na sua mão!

*
* *

Já se conta de um philantropo, ao qua queriam dar não sei que emprego n'uma secretaria, haver respondido todo enjoado:

—Quatrocentos mil réis! Como hei de remediar-me eu com uma bagatella d'essas! Mais do que isso posso eu fazer de ordenado nas commissões de beneficencia!

O passeio está apto para ser o Eldorado das especulações de caridade: beneficios para concertar egrejas, para restaurar sacristias, para comprar sinos e levantar pulpitos, para todos os asylos e mais alguns, para alcançar votos para eleições, etc. etc.! O divertimento no passeio é sim-

plesmente passeiar e tomar ar; para passeiar e tomar ar, o chefe de familia que tenha a seu cargo sete pessoas é obrigado a gastar todas as noites, de entrada e de cadeiras, dez tostões. Fóra do passeio, encostada ás grades, espreitando as luzes, o movimento, a festa, está a turba ávida, a turba dos que não podem comprar ar a tostão; e nas casas ficam familias e familias, que não são bastante ricas para poderem passeiar no passeio *publico*. «Nem a todos é dado ir a Corintho» dizia Horacio, esse folhetinista da antiguidade: hoje deve com egual razão dizer-se «Não é dado a todos ir ao passeio publico!»

De dia, sim; por isso aos domingos ninguem lá cabe das quatro ás sete. É um prazer economico e brioso; assiste-se sem quebra de amor proprio ao espectaculo d'aquelle amalgama de todas as sociedades lisbonenses!

Em redor do coreto estão os fanaticos melomanos, que saboreiam com delirio os *pots-pourris*, lindissimos aliás, do sr. Reinhard, e desabafam por vezes em applausos seu soffrego enthusiasmo. Outros, para os quaes a musica é simplesmente um pretexto para passeiar, aglomeram-se na

rua do centro, o peior local para ouvir e o melhor para ser visto.

Na rua do centro ha tres classes distinctissimas. A raça philipôa (de *philipão*, pae de familia) á qual a chuva, um sol tropical, vento e poeira não fazem mossa, recrutada entre a burguezia infima, de logistas mal estabelecidos, empregados de terceira ordem, e militares velhos, gente que não vae nunca a S. Carlos e que anda sequiosa de musica de graça. Nada se me offerece a citar de singular e curioso n'esses adoradores do trombone, n'esses enthusiastas do clarinete; por sua immobilidade, seria facil julgal-os surdos, se nos trechos maviosos os não vissemos a balançarem a cabeça mui cadentemente para inculcarem uns aos outros que entendem de musica!

Permitta-se-me abrir aqui um breve parenthese a proposito das musicas militares. Quando n'um dia de parada se escutam aquellas symphonias ruidosas mesclando-se ao trote dos cavallos, ao clamor da multidão, ao troar do tambor, ao pregão dos vendilhões, ao motim cadenceado das armas, sente-se uma pessoa impressionada de jubilo e de coragem, e não ha se-

guramente sensação que mais enleve;— mas se durante uma hora se escutam attentamente symphonias d'opera, actos quasi inteiros, melodias destinadas a instrumentos de corda e interpretadas por latões, muda muito o caso e vem o desejo de pedir ás musicas militares que toquem marchas e composições ligeiras, e deixem a *Semiramis* e a *Norma* quietas.

As outras classes são a das solitarias deidades que por alli se sentam, dando ao passeio uns ares de jardim de Armida, como se cada arvore désse asylo a uma divindade; e a dos janotas de festa de guarda, que expõe nos dias memoraveis a sua elegancia domingueira.

Nas ruas lateraes desapparecem as cathegorias. Todas as classes, todas as edades, todas as posições, todos os mundos se confundem; é um microcosmo da gente da capital. Vae uma fidalga ao passo com uma adella, um deputado ao lado de um barbeiro, a cadeira da serenissima esposa de um negociante está costas com costas com a de uma actriz da Rua dos Condes, um general é visinho de banco de um veterano, e um socio da academia está ao pé do auctor das rimas da morte de «Maria Ritta!»

Ha pessoas que affectam estar de posse permanente do mesmo logar: poderia escrever-se-lhes nas cadeiras «concessão perpetua.» Outros mudam a cada instante, vão de grupo a grupo, giram, borboleteam, e parecem considerar o passeio publico como uma sala, na qual estão incumbidos de fazer as honras!

Ás cinco horas principia a musica. Ergue-se o panno. Examinemos os actores da comedia.

Já cá está a divindade campestre que preside a este recinto, o passeio publico feito homem, o protogonista d'esta theoria immensa, um velho baixo e leve, galanteador com todas as mulheres, offerecendo-lhes rebuçados e cadeiras, conhecendo todos, conhecido por toda a parte, olho vivo, pé pequeno, chibatinha a meio riste, e uma phrase prompta para a primeira creatura do sexo fragil que lhe fique ao lado.

Uma espectaculosa creatura, que os pobres do asylo dizem que veio «dos Brazis»; vestido no genero arco-iris, regalo de pennas, chapéo que faz mal á vista; uma orgia de côres, que empallidece o marido!

Eis agora uma familia que nunca falha;

o porteiro já a conhece, e levando delicadamente a mão á palla do bonet, dirige-lhe umas vezes por outras alguma phrase n'este genero:

—Hoje vêem mais tardinho!

Ou:

—A musica principiou n'este instante!

Ou, se Suas Magestades estão no passeio:

—Ainda apanham as pessoas reaes!

Ou, se não vem uma das senhoras:

—O ranchinho hoje não está completo. A outra senhora tem coisa de cuidado?

São quatro. Todas ellas baixinhas, espertinhas e esquesitinhas. Os seus namorados consideram-as elegantes. São visiveis á missa da uma hora quando está tempo secco, á janella das duas ás tres, e no passeio das quatro e meia em diante. Seus haveres passam inteirinhos para o mialheiro dos alugadores de cadeiras. Coisa alguma perturba sua impassibilidade; uns poucos de estudantes da polytechnica divertiram-se uma noite a passar diante d'estas damas e dizer simplesmente: «Aqui está a senhora * e suas manas!» Era absurdo, mas não deixa de ser bom. Não diziam senão isto, e continuavam a andar

muito sérios! Aqui está a senhora e suas manas!

Este sujeito vem amar. Traz bilhetinhos na algibeira que distribue a uma e outra á saida, aproveitando-se da penumbra e do apertão; bem devem ter reparado n'elle: barba preta comprida, vigorosa cadeia de oiro por fóra do casaco, calça côr de betterraba.

Esta menina e sua mamã vão muito a bailes e concertos. O pae era socio da academia das sciencias,—ou, enganei-me, era socio da philarmonica das Pedras Negras. A mãe é mui doutora e a menina *idem*. Já lhe ouvi dizer n'um baile ao seu valsista:

—Paremos um momento! Estou transpirando como um segredo mal guardado!

Este estylo arranjou ao valsista uma doença, que deu cabo d'elle.

Olhem o commendador! auctorisado abdomen, presença satisfactoria, e maneiras melifluas: dá o braço a sua esposa, dama comprida como noite sem ceia, e traz pela mão o menino, que vem vestido de militar.

Passa uma onda, um rio, um occeano de tafues domingueiros, de pescoço en-

carcerado em colleirinhos assassinos, calças funil, bengala preciosa, modos conquistadores, insinuantes, irresistiveis, e olhares que parecem *revolvers*, impando de persuasão de que toda aquella gente vae alli para os vêr!

Aqui vae o avô, a avó, tres filhas, tres genros, doze meninos; uma das filhas, trigueirinha tentadora, é casada com um cambista: de uma occasião, um individuo fez parar o cambista em plena rua do meio do passeio publico, e perguntou-lhe com a maior attenção:

—O senhor não é cambista?

—Sou, sim senhor!

—Eu desejava trocar...

—Uma libra?

—Não senhor; desejava trocar a minha mulher pela sua!

—Quê?! O senhor é um grandissimo atrevido!

—E ainda lhe torno alguma sobra, se o exigir! retorquiu o sujeito imperturbavel.

O pae, a mãe, a filha,—cincoenta contos de dote e a seu tempo duzentos contos: é agradavel. Tem seus contras, bem sei; mas a gente não casa com o sogro; que elle, por

fim de tudo, tem de bom o parecer criado; vão lá adivinhar que é sogro! O que valia a pena era tirar do dote uma pensão, com a condição de elle ir comel-a no Brazil. Dizem que por lá a febre não rapa senão as pessoas intelligentes; podia viver muito!

Estes conjuges grunhem sempre:

A esposa. Francisquinha, ponha-se ahi quieta, para ouvir o *Guilherme Tell* do senhor Arthur Reinhart!

O marido (suavemente). Querida perola, o *Guilherme Tell* é de Rossini. O senhor Reinhart é o director da banda da armada.

A esposa. Forte secca! Olhe que vale bem a pena de me reprehender por isso! Francisquinha, ouves? É a *Semiramis*, estão tocando a *Semiramis*!

O marido (com ternura). Enganas-te pombinha, isto é um trecho da *Velhice namorada!*

A esposa (irada). Quem lhe pergunta o que é? Quando acabará esse costume de me contradizer! Lembras-te, Francisquinha, a *Velhice namorada*, que o Paixão cantava em S. Carlos?

O marido. Ó filha, pelo amor de Deus!

Era o Taborda que fazia de Paixão, e cantava no Gymnasio!

A esposa (rompendo em pranto). Basta! É de mais! Uma tyrannia por este feitio, diante de nossa filha, diante d'esta gente, diante de toda Lisboa! (beijando a filha e soluçando) Francisquinha, adorada joia, nunca te cases!

Coro de pessoas que presenceiam. Pobre senhora! Infeliz senhora! Desditosa senhora!

Ás sete horas o trombone exhala a ultima nota, os musicos retiram-se, a multidão põe-se em debandada, e vae cada um para sua casa.

Com quanto isto não seja fabula, aqui vae todavia a moralidade;

Ouvi outro dia um moço estar dizendo a uma senhora:

Vossa excellencia, minha senhora, detesta o passeio; tem horror á musica militar, acha duras as cadeiras, e os bancos cançam-a por terem as costas recuadas de mais, e tem razão; queixa-se vossa excellencia de que o passeio fica triste por muito empregado publico que aqui anda, odeia o fumo do tabaco, e todavia vem cá regularmente todos os domingos! Se-

ria indiscrição perguntar-lhe o que a traz aqui?

—Não, respondia a senhora córando; e o senhor é porventura fanatico de *pot-pourris?*

—Nem por isso, minha senhora; mas de verão não ha bailes, estão fechados os theatros, e acho o passeio um sitio trivial e que não compromette, onde tenho a certeza de encontrar vossa excellencia...

Não ouvi senão isto; mas partilho plenamente as opiniões d'esse cavalheiro; tanto mais que a musica é um elemento poderoso de civilisação, que suavisa os costumes, lisonjeia os corações selvagens, e adoça as mais rebeldes virtudes!

* * *

Não sei se o meu amigo leitor se lembrou já, que se carece uma geographia dos litteratos, sciencia inedita que tenha por fim estabelecer a correlação que existe entre a geographia propriamente dita e a litteratura.

Por exemplo:

Quantas são as partes do mundo... litterario?

—Quatro.

Quaes são?

—A poesia, o romance, o jornalismo, e o theatro.

O que vem a ser a poesia?

—Uma paragem immensa, renovada dos gregos e dos latinos, limitada pelo poema, pela estrophe fugitiva, pela lamuria rimada, e pela quadra de palmito. Ahi se encontram praias aridas e doentias, mais conhecidas pelo nome de *charnecas* da tragedia, e da commemoração aos defuntos illustres!

E o romance?

—Paiz, cujos limites não estão ainda definidos. Falle-me antes do jornalismo, reino do pensamento, cujas principaes cidades são a *Revolução de Setembro*, o *Commercio do Porto*, a *Gazeta de Portugal*, e *Jornal do Commercio*, e que tira sua principal riqueza das minas da quarta pagina! O jornalismo, que, como os reis antigos, tem os seus bobos encarregados de distrahirem os animos das quotidianas semsaborias dos principes da folha séria! Falleme do theatro, mar tempestuoso, juncado de escolhos, em que os mais habeis capitães naufragam de vez em quando; es-

colhos que se chamam traições de palco, intrigas de bastidor, uma amante que se quer fazer actriz á força, o calor das noites de verão, e mais que tudo aquelle abysmo horrendo que nunca se enche,— a *borracheira!*

É trabalho que deve fazer-se, o marcar as villas e provincias da lettra redonda, e compendiar onde devemos acatar e reconhecer tantos illustres varões, que teem o seu logar nas lettras cultas. A poesia, coitada, anda por ahi ás cegas e aos encontrões, repudiada no centro d'esta sociedade de manatas, que não gosta que a entretenham de coisas sublimes; o poema encolheu-se desde o *D. Jaime*, não sei se receioso de não lhe chegar á gloria ou de o egualar na lucta; o drama é que por ahi anda a fazer das suas, *petit-maitre* emproado que a critica não sacode por não haver critica no reino; Saltabadil, que vae tiritando pela sua nudez de estylo, acochar-se ao suffragio absurdo da indulgencia dos compadres; pobre diabo sem imaginação e sem alma, que as platéas supportam sem indignação a poder de o escutarem meio adormecidas; falso e grosseiro como um alquilador, charlatão como

um dentista! O romance, ao menos, conserva-se digno, graças á dominação do rei Camillo, que habituou o publico a expulsar do templo os vendilhões, e a pagar-lhes o pregão com o desdem da turba!

*
* *

Primeiro que tudo, durante estes mezes, é ter cuidado de não ser timido. A timidez, seja em que fôr, é uma tolice: n'um folhetinista é uma desgraça. *Audaces fortuna juvat* significa em portuguez: «Os folhetinistas de verão devem ser audaciosos.»!

A timidez é, por fim de contas, sem a gente o sentir, e sem ella ter ares d'isso, o mais perigoso, traiçoeiro e fatal inimigo de cada um.

Hão de ter visto,—ou, melhor ainda, recordando os tempos de collegio, devem lembrar-se de por mais de uma vez terem encontrado dois pequerruxos, ambiciosos precoces, mostrando um ao outro o fundo do cabasinho quando vão para a escola:— Dá-me do que trazes hoje, que eu tambem repartirei comtigo do que tenho!

É o negocio a que se propõe toda a

gente, que quer abrir caminho n'este mundo.

O moço que uma educação mais esmerada collocou no caso de pretender qualquer emprego,—fazer um livro ou entrar para os caminhos de ferro—, diz ao seu editor ou ao seu chefe:

O proletario de mãos callosas diz ao patrão:

O logista diz aos freguezes:

O medico aos doentes:

O advogado aos clientes:

O agiota aos *entalados:*

O artista á multidão:

O amante á sua dama:

Toda a gente a toda a gente:

—Dá-me do que ahi tens, que eu te dou do que trago aqui!

E cada um faz a diligencia de guardar a sua pera pilhando sempre a maçã do outro,—em quanto o outro defende a sua maçã, e tem d'olho a pera d'algum!

Resulta d'isto, é facil de prever, uma confusão geral, em que existem creaturas predestinadas a serem embaçadas sempre.

—A minha pera aqui está; não me atrevo a offerecer-lh'a, porque não estou bem

seguro se estará bichosa ou não; mas doulh'a toda por um bocadinho da sua maçã.

Assim fallam os timidos.

—Mas, meu caro amigo, respondem os outros, a minha maçã é excellente, e você propõe-me um negocio que me engasga. Deixe cá ver a pera? Sempre lh'a acceito. Veja se acha para si outra melhor. Pelo que respeita á minha maçã, depois fallaremos!

Aos timidos, a deusa Fortuna, que não é cega, por mais que me digam, faz-lhes caretas obstinadamente.

Em quanto eram meninos e andavam na aula, recebiam todas as cacholetas, *biscoitos*, e *cholipas*, que se distribuiam durante a hora do recreio. Quando quizeram tomar logar na sociedade e fazer como toda a gente as suas devoçõesinhas ao bezerro de oiro, foram acotovellados pela turba e atirados para a ultima fila.

Foi para elles, que se inventaram os empregos de duzentos mil réis e os jantares a doze vintens da rua do Arco do Bandeira. Hão de fazer-se velhos trabalhando como negros sem adiantarem um passo, e a edade madura irá surprehendel-os na pelle de um escripturario subalterno, que

põe mangas de algodão preto para conservar as do casaco, e uma palla de papel verde para não estragar a vista.

Alguns, que não abicharam sequer o emprego de duzentos mil réis e os jantares de doze vintens da rua do Arco do Bandeira, desapparecerão da superficie do globo na flôr da edade, depois de terem abusado, a portas fechadas, no seu quarto, do regimen de pão com queijo, regimen perigoso que conduz um homem rapidamente *ad patres:* a indigestão na fome!

Todas as pequenas miserias da vida derretem-se por cima d'elles como manteiga.

Um amigo intimo tira-lhes a namorada, menina de alguns teres, cujo dote não deixava de lhes fazer conta, e com quem estavam para casar; o seu protector esquece-se de os proteger; a criada, logo á noitinha, principia a dormir, e deixa-os estar na rua á chuva, batendo tres vezes á porta; quando andam de sege, os boleeiros esfolam-os; se passam por um sitio em que ha desordem, elles é que vão presos; os alfaiates impingem-lhes o fato regeitado por outros freguezes; nas casas de pasto fazem-os es-

perar pelo jantar até estarem damnados de fome; não encontram senão mulheres honestissimas; e, se escrevem, os leitores trazem-os sempre entre dentes, accusando-os de chôchos, insipidos, seccantes, e semsaborões!

*
* *

Quereis saber da população elegante, que constitue o que se chama sociedade e que fórma o encanto dos passeios, dos theatros e das reuniões? Ide procural-a a Pedroiços, a Bemfica, ao Lumiar, ao Estoril, a Cintra! Porque Lisboa n'este momento... não está em Lisboa!

Ninguem por cá ficou. É uma vergonha permanecer aqui. Eu escondo-me para fingir que estou no campo!

Depois, quando de dez em dez dias a calma ou o *spleen* me levam para o Passeio, as pessoas das minhas relações que commettem a indignidade de estar em Lisboa tornam-se rubras de despeito ao vêr-me, e eu exclamo com um ar triumphante:

—Feliz inspiração me trouxe hoje a Lisboa!

—Tem estado fóra? pergunta-se-me.

—Certamente, minhas senhoras, certamente. Não ha maneira de não estar no campo, com similhante calor! É acaso possivel, que aqui tenham permanecido desde que eu parti?

O chefe de familia torna-se livido de humilhação. As filhas sorriem-se para elle, com um olhar ironico. A esposa arrisca esta phrase:

—Ouves, menino, o que diz este senhor? Admira-se de podermos aqui estar! Nós, que nunca d'aqui nos tiramos!

O chefe de famila mede-me n'um olhar, e redargue:

—Admira-se! Admira-se! Este senhor não é empregado do thesouro, como eu: não tem que attender a deveres quotidianos! Se fosse administrador de bairro, ou empregado das sete casas, ou recebedor de decima, teria de soffrear mais as suas tendencias refrigerantes. É uma condição do verão,—o fazer calor! Sempre foi assim, e succede isso em toda a parte. Ha gente que cuida que o sol no campo é fresco!...

—Mas, meu rico, tens perfeitamente razão! O teu emprego impede-te de fazeres a vontade a tuas filhas. Se não fosses do thesouro!

—Ah! se o papá não fosse do thesouro! balbuciam as filhas.

—Se não fosses empregado publico!

—Oh! se o papá não fosse empregado publico! exclamam as filhas com um olhar de aspiração.

—Se a tua carreira fosse mais independente, mais ligeira, mais livre, mais phantasiosa... Se tu fosses folhetinista!

—Ah! se o papá fosse folhetinista! bradam as filhas, levantando os olhos para a abobada celeste.

—Eu folhetinista!... redargue o pae em tom colerico.

—Bem sei que não, querido, diz a esposa serenando-o. Era preciso para isso... que tu tivesses espirito!

—Do que Deus me livre!

—Do que Deus te livre, exactamente! O espirito é um projectil que mata em distancia. Para que has de tu matar alguma coisa!

—Historias da vida! Os homens de espirito vistos de longe não se parecem com ninguem: examinados de perto parecem-se com toda a gente!

—*Até* comtigo!?

—Comigo *até*, sim!

— E vês n'isso um motivo para te encolerisares?

— Vejo n'isto um motivo para não ir para Cintra pelo simples voto d'elles. Ir para Cintra! Como se Lisboa este anno não houvesse tido a previdencia de dispensar o campo! Qual era a unica coisa que impedia a capital de ter a melhor das regalias campestres?

— Eu sei!

— Era o clima! O clima, que era quente, sereno, inalteravel, e tocando a monotonia da perfeição. O resultado é que fugia d'aqui toda a gente por causa da calma do estio, e ia em procura d'ar para Bellas ou para Bemfica. Lisboa conheceu isto,... e mandou o clima embora! Hoje é perfeitamente inutil ter casa de campo. Casa de campo, para que? Para ter ar? Ha-o por cá mais fresco do que um gelado! Para ter brisas? Nós temos furacões até, que é o melhor que ha no genero viração! Para ter fresco? Pois se em Lisboa se disfructa frio em julho e agosto, que necessidade ha de ir ao campo buscar fresco! Illusão! O campo já não é para o verão; o campo agora deve ser excellente, mas é para o inverno!...

Sejamos justos, e confessemos que este chefe de familia tem, em parte, razão, e que a solidão campestre reside apenas hoje na cidade! É uma coisa voluptuosa, sentir-se uma pessoa isolada n'uma capital d'estas, e percorrer solitaria e independente as praças desertas, as ruas silenciosas, os jardins abandonados!...

Ha momentos em que supponho que não está viv'alma em Lisboa, senão eu! Quando se accende o gaz, a cidade se illumina, e os theatros abrem as portas, é para mim ás vezes um caso de consciencia não prescindir de todo este incommodo! Tenho então a minha hora de grandeza, em que digo como Lugarto:—É para mim que estas flores se colhem, e estes cristaes refulgem!

E, cheio de gratidão por esta delicadeza nacional da companhia do gaz para com um só habitante, principio cheio de actividade a povoar Lisboa, apparecendo agora no Chiado, logo no Rocio, á noite no Passeio, passando para baixo e para cima com ar diverso, á similhança dos regimentos do Salitre, em que quatro homens que sáem e entram a dois de fundo figuram um exercito!...

Fui ao theatro normal a semana passada; a noite estava magnifica para... não andar a ella: o vento tinha-se associado ao calor, para rir. Entrei ás oito horas na platéa; tão depressa me avistaram, immediatamente a orchestra teve a delicadeza de me tocar uma symphonia, e em menos de um quarto de hora subiu o panno, e a companhia prestou-se com a maior vontade a representar para mim,—unicamente para mim! uma das melhores peças do reportorio!...

Em compensação d'este obsequio, e para lhes mostrar que não sou ingrato, tratei logo de pôr o meu chapéo n'uma cadeira, a bengalla n'outra, as luvas n'outra, e o lenço d'assoar atado n'outra ainda, para grangear á sala a perspectiva elegante de cinco logares marcados por espectadores,... que figuravam estar fumando no salão.

*
* *

Continua um calor horrivel.

Chegou isto a ponto de hontem, n'um jantar, eu ouvir o dono da casa dizer ao criado:

—Ó José! O gelo não está... fresco!

* * *

Disse eu como citando um defeito, que os chapéos de verão, que despontaram no horisonte com os calores d'estes ultimos dias, eram todos altos, e o caso é que cada um de nós se vae atirando de cabeça para baixo... ao chapéo do seu paiz e do seu tempo. Não seria mais facil escapar ás modas, do que aos preconceitos da época e da sociedade em que se vive; todavia que maior prova, que prova mais eloquente, que prova mais *alta* sobretudo, da vulgaridade dos homens do que este horroroso chapéo que a gente usa, e que pelos modos vae triumphando em todas as terras e por todos os povos! Cylindro absurdo e exquisito, que se auctorisa com a propria fealdade e o proprio absurdo, a aviltar debaixo de si todas as frontes! Já deitou abaixo o turbante e o sombrero, a gorra e o chapéo de tres bicos; acabou com a cabelleira á D. João V, a trança do chin está vendo já uma bruxa com elle, e a calva do mendigo cobre-se orgulhosa sob o robotalho de um atroz zabumba!

Só uma monstruosidade seria suscepti-

vel de similhante triumpho, e, pensemos bem, a immensa maioria do mortal rebanho não podia deixar debaixo de uma fórma ou de outra de metter a cabeça n'uma asneira!

Sujeitemos-nos, sem oppôr nossa debil voz ao escrutinio do chapéo tyrannico. Não vale sequer esse Gessler a affronta de Guilherme Tell. Appellemos para o campo; alli ao menos, põe uma pessoa na cabeça o que mais lhe agrada, sem offender as conveniencias do Chiado, e a etiqueta do Passeio Publico. Um chapéo fôfo, leve, artistico, de abas fluctuantes, harmonisando-se com a physionomia e protegendo o craneo sem o queimar!

A questão não está apenas no feitio de um ou outro d'estes dois chapéos,—está tambem no espirito que os acompanha. Ainda não haverá mais de um mez, n'uma soirée, pensei eu n'isto. Estava com o meu chapéo na mão, e como era novo não havia cotovello de convidado que não embirrasse com elle: quanta gente circulava nas salas o ia amarrotar a cada instante, e um copo de orxata fez-lhe passar a linha de suas tormentas tropicaes. Cançado de o defender, ora com a mão, ora com o bra-

ço, ora levando-o ao collo, ora erguendo-o ao ar, aproveitei um logar vago para o pôr, e fui conversando com uma corpulenta dama, columna mestra do meu conhecimento; d'alli a nada, o amante chapéo ficou chato como um cartaz, sob o peso do corpazil da minha interlocutora!

—Oh! minha senhora, exclamei.

—Perdão, cuidei que era um chapéo de pasta!

No campo, o destino é outro. N'um passeio, no outomno do anno passado, veio uma brisa mais forte, que me levou de repente o chapéo,—o outro, o baixo, que foi saltando a roçar uma aza pelo chão: corri atraz d'elle, a bom correr, praguejando contra o acaso; a pouca distancia diante de mim deslisava um riacho; battia-lhe o sol de chapa, e elle scintilava no meio de um salgueiral; o estouvado ía cair na agua; já me faltavam as pernas para chegar a tempo de o apanhar... De subito, oiço uma gargalhadinha, vejo duas mãositas encantadoras a agitarem no ar o meu chapéo prisioneiro, e logo depois uma cabecinha loira, meia despenteada, a deixar ver perolas por entre labios de purpura, com o azul do céo a reflectir-se-lhe nos

olhos, de collo meio descoberto, airosa, esbelta, tentadora...—«Obrigado!» disse-lhe eu. E achei-me em risco de perder a cabeça,... no momento em que achava o chapéo!

* * *

Bocage, pelos modos, regalava-se de ser feio, e mesmo a peça não o fez estreiar com grande felicidade em amores, para não deixar em ponto algum de ser verdadeira. Gertruria prefere-lhe um bacharel —o que equivale a preferir-lhe qualquer coisa. É triste de referir, mas é certo, que os poetas teem em todos os tempos feito poucas conquistas: inculcam nos versos o contrario, mas é para disfarçarem os *fiascos*. O Dante encontrou em Beatriz uma donzellita despreoccupada e ligeira que lhe tomava as declarações por doidices e ria a bandeiras despregadas a pretexto, diz a historia, de o considerar moço de mais para ella. Quando bem lhe pareceu casou com outro, e esqueceu de todo no consorcio o vate que tão magnificamente se recordou sempre d'ella. Poz em vida n'um inferno o coração do poeta, que por unica vingança assim que ella morreu

a levou para o paraiso nas suas divinas rimas! Os rigores de Laura para com o casto Petrarca são tão notorios como os sonetos, em que elle suspira permanentemente esse amor unico e tão mal pago da sua existencia. A paixão do Tasso por Leonor não foi mais feliz nem mais bem acceita que a de Ovidio; alcançou-lhe o cahir da graça do grão duque de Ferrara, e dar occasião ao poeta de compôr a tal respeito um soneto em que se compara a Icaro, que expirou victima de uma ambição temeraria. Milton, o Homero inglez, foi desastradissimo em seus affectos, e não conseguiu sequer ser amado pela esposa, que, ao que se conta, tinha um genio insupportavel. É até presumivel que fosse para se vingar do sexo que o amofinara, que elle cantou o erro de Eva e os males que se lhe seguiram. Bernardim Ribeiro fez triste figura, e a princeza voltou-lhe desdenhosa a cara quando elle lhe appareceu estropiado da sua longa peregrinação. No drama unicamente é que apparece Katty Bell, cobrindo com o seu casto amor, como com um véo branco, os ultimos momentos do poeta; na historia, o caso é outro: Chatterton morreu sósinho, esque-

cido, abandonado, em casa de uma hospedeira velha que o conservava por ter dó d'elle; encontrou-se-lhe em cima da mesa, em vez de um retrato, uma madeixa de cabellos loiros e umas cartinhas d'amores, —um masso de cartas de familia e um copo sujo ainda de uma dissolução d'arsenico! O que não se tem fallado das mulheres de Byron, applicando-lhe a mania antiga e ridicula de personificar n'um auctor tódos os heroes dos seus poemas; todavia, o que faz desconfiar que elle não foi tão grande conquistador como parece, é vermol-o de vez em quando voltar humilde e supplicante para junto de sua mulher, ingleza secca e estitica, á qual um homem da sua tempera e do seu orgulho teria renunciado por uma vez se houvera encontrado na vida alguma das sublimes creaturas que elle descreve. Aquelle volver eterno a Lady Byron parece desmentir as Eloydnes, as Anna, as Jenny, as Maria, que com tanta liberalidade lhe teem attribuido por esse mundo de Christo, e que elle proprio pareceu negar não deixando recados por sua morte a Fletcher senão para a filha, para a irmã, e para a mulher!

Bocage não se lançou n'um desregramento de costumes tão escandaloso, senão por não encontrar uma paixão que o consolasse. Foi como aquelles viajantes, que por terem sêde e não encontrarem fonte limpida vão beber aos charcos! A libertinagem de algumas das suas poesias não foi talvez como quasi sempre succede aos poetas eroticos, senão uma desforra. Nos tempos modernos, o caso tem mudado um pouco, porque já não ha poetas que façam vida d'isso—ou antes que façam morte d'isso, já que tal profissão o mais que alcança é fama e fome: o poeta errante, de cotovêlos rôtos, mendigando o pão de porta em porta, ou fazendo um soneto para apanhar um jantar, desappareceu nos nossos dias felizmente; por isso tambem a formosura não é já para elles como os cachos d'uva pintados que os passaros vão debicar no quadro antigo; já por vezes a encontram na vida, em vez de ficarem sempre de aza estendida, labios sequiosos e coração avido sem a encontrarem senão em imagem! E no emtanto ha boas razões para considerar n'isto um mal da nossa época, e observar que os poetas quando encontram no mundo o amor perdem a voz,

como os rouxinóes que encontram a femea!

*
* *

Não tem o leitor como eu, como quasi toda a gente, dois modos de existencia complexa, que, se fosse possivel isolal-os um do outro, chamar-se-iam: o primeiro, a vida da necessidade e da realidade: o segundo, a vida da aspiração e do desejo?

Não tem sentido em si dois homens diversissimos, um a desfazer o outro, e não tem chegado por vezes a ter dó, o dó do desdem e do menospreço, por umas pobres *creaturas* incapazes de existirem em duplicado, que não são de todo homens mas antes fracções de homens?

Não tem felicitado até, apezar do perigoso destino que os leva, os seres intelligentes que receberam, acceso nas duas extremidades, o facho da vida, e para os quaes a existencia positiva, mathematica, disciplinada seria o maior dos supplicios?

Depois d'uma noite de S. Carlos, entre a mais alta sociedade, não se lembrou nunca d'uma noite da rua dos Condes, entre a mais baixa? Ao ver em redor de si as casacas, as luvas cinsentas, os peitilhos

d'Irlanda, os coletes de tres botões, e as botas de polimento, não lhe passou jámais pela idéa a jaleca do operario, a camisola do marujo, a mão callosa do povo applaudindo a seu lado, na mesma sala e na mesma platéa? Ao olhar as elegantes recostadas nos seus camarotes, enfastiadas e indifferentes á musica e á sociedade, não deu um pensamento ás burguezas familias, avidas de divertimento, que, ao entrarem, enchem as torrinhas com a sua alegria: enchendo a rua, ao sairem, com a pena de haver findado a festa? Depois de escutar a Borghi não teve uma aspiração para a menina Fialho, depois de ouvir o *Othello* não o chamou o seu espirito para as *Intrigas do bairro?*

O homem é feito assim. Como se explicariam as contradições constantes em que anda, o bem e o mal a que é dado, os heroismos e baixesas por que passa, as nobres dedicações e as vergonhosas phantasias a que se entrega, senão pela grandissima condição infallivel, condição por excellencia da humanidado,—a ratice?!

Não ha paixão humana, quer derive do coração quer da cabeça, que escalde o sangue ou os nervos, que valha a pena de

ser festejada ou combatida se não contiver o elemento da *ratice*. Ha ratice no amor, na avaresa, na ambição; ha muita, ha immensa, na paixão irresistivel que fórça as portas da sciencia, da arte, da poesia, da industria...

A dupla existencia! mas, é o facto dos factos; e a humanidade não disfructa mais doce privilegio! No centro dos frouxos vapores de magra sôpa, scisma a gente com o maior heroismo na pedra philosophal; ao levar á egreja uma noiva feia e estupida, casa-se como Fausto com a perfeição da formosura, Helena, que suscitou a guerra de Troya e inspirou a *Iliada*. E depois, lá vem um reflexo do phantasma adoravel, ennobrecer subitamente a boçal semsaborona, que se transforma na candura mais poetica e radiante!

Quem poderia contar os episodios interminaveis, os delicados phenomenos, vagos, complicados, contradictorios da ratice? Duvido que bastassem os tres talentos de algum grande romancista, que fosse grande poeta comico, e moralista de primeira ordem. É preciso não estudar a ratice nos outros, convém a cada um fazer d'ella um estudo em si mesmo. Quantas

vezes a tenho eu sentido! Sentia ainda n'uma noite d'esta semana, em toda a extravagancia do seu pantafassudo imperio... Annunciava-se uma das melhores operas no theatro lyrico pela Borghi-Mamo e Mongini, os dois prodigios; a noite ia serena; nenhum tufão me impediu a passagem; a chuva não foi tolher-me os passos; a cholera celeste não teve papel n'este caso gravissimo; não o fiz para me vingar d'alguem; tão pouco para me esconder; palavra de honra que não levava tenção formada; foi um puro acaso, filho de *molla occulta*; chegado ás alturas do Passeio Publico, nem me lembrou a Borghi nem Mongini; ou, supponho mesmo que me lembrei d'elles—para os esquecer; vacilaram-me as pernas; dei um geito ao corpo; os pés voltaram-se para aquelle lado; a alegria entornou-se em meu peito ao ponto de me alagar de jubilo; o bilheteiro disse-me que já não havia bilhetes; o camaroteiro, que já não havia camarotes; a minha alma sentiu-se coberta pelo humido véo do terror; um vendilhão estendeu o braço para mim, no fim do braço a mão, na mão uma chave; a chave era de uma torrinha: «Oh! meu Deus, eu t'o agradeço!» excla-

mei; depois paguei, depois subi, depois entrei, e sentei-me, e extasiei-me, e vivi; —estava no theatro da rua dos Condes! Ó ratice, o teu poder é immortal!

A sala tinha uma apparencia honesta. Tudo familias sérias e numerosas, Nas torrinhas a affluencia era extrema, e os meus visinhos seriam os melhores espectadores d'este mundo, se não cheirassem mal; mas cheiravam. Pequeno transtorno para tão grande jubilo. Antes das *Intrigas do bairro* tinhamos tres actos de outra peça; era o tempo de tres frascos de agua de colonia, a frasco por acto; não havia que hesitar, sai a fazer provisões.

Voltei á hora propria. Innundei de perfumes a escada e os corredores. Nunca apurado casquilho conseguiria estar mais abundante de essencias. Fiz sensação. O publico da segunda ordem levantava a cabeça na minha direcção, e abria as ventas como para me sorver. Atirei á orchestra algumas gottas d'agua dos Principes, que foram cair nos timbales. Os musicos atravessaram um quarto de hora de extase, e tocaram como nunca. O ponto assim que lhe deu o cheiro dos aromas, queria apontar a peça de costas para o palco e nariz

pará a orchestra. Não se lhe consentiu. Dado o signal, a attenção foi unanime, e ao erguer-se o panno para as *Intrigas do bairro*, todo eu fui regosijo na minha aromatisada torrinha!

A scena representava uma praça publica. O que ha de mais praça publica, Á direita sapateiro; por traz do sapateiro, barbeiro; ao lado do barbeiro, peixeira; defronte da peixeira, colareja; por traz da colareja, gallego; adiante do gallego, cabo de policia; no fundo um furriel. Taes são os personagens do quadro; taes são os heroes do bairro, heroes da rua do Capellão, do becco do Esfollabodes, da travessa do Catefarás, heroes avinhados, bulhentos, enredadores, galopins eleitoraes, gente de má lingua e de boa faca, trovistas de desordeira e borracha musa, pimpões de guitarra e calabouço!

Todo eu era olhos; todo eu era ouvidos; cheguei a ter medo de que algum contratempo imprevisto viesse interromper a minha felicidade, e pensei:

—Se eu principiasse agora a deitar sangue pelo nariz, e tivesse de sair!?!

A colareja e a peixeira jogam-se as ultimas affrontas por causa do furriel;

o furriel é a seducção, a colareja é o amor, a peixeira é o ciume, o sapateiro é o vinho, o barbeiro é a parolagem, o cabo geral é as eleições, o gallego é o gallego.

O publico vae applaudindo constantemente; os desgraçados que estão em dobradiças levantam-se a todo o instante durante a peça, para darem passagem. Em toda a platéa, vae cada um lavrando com os joelhos os rins do parceiro que lhe fica adiante. Um dos meus visinhos de torrinha, bello homem, patentea com amplidão uns hombros de tambor-mór que me arriscam a tel-o diante de mim por unico horizonte; applico-lhe um borrifo d'agua de colonia á orelha esquerda: o homem sobresalta-se e muda de attitude. Todo eu sou alegria! Apenas, como uma nuvem, passa-me pela imaginação o receio natural de todo o habitante de torrinha,—se algum dos personagens principaes da cambada que figura na peça tivesse o meu nome e fosse pronunciado com a adjunção de algum epitheto desagradavel... Se toda a gente minha conhecida virasse a cabeça para o tecto e se sorrisse para mim com finura... Porém, não. Respiro. Nenhum se ha-

ma Machado. Salvo! Estou salvo! Gozemos!

O furriel é o Rodolpho d'aquella Tysbe e d'aquella Catharina Bragadini de má nota; tudo se move, se agita, se descompõe e esbofeteia por elle, dando apenas intervallo ás tricas eleitoraes da canalha influente. Ha navalha e apito por dá cá aquella palha. Ha cantigas, guitarras, gritos, ternura, e fado. É a poesia, a phylosophia, é o estylo, é o estudo do coração, é a aberração dos costumes e da côr local da rua suja. Tudo alli anda lépido e decidido; jacto simples, impulso sincero, cabriola espontanea; vae-se direito ao fim sem pressa e sem delongas, como quem não é esperado; tudo está á larga, tudo se põe á vontade, os comparsas rebolam uns por cima dos outros no furor das rixas, e derramam candidamente suas sensações no seio da bella natureza, sem temerem que algum brutal tacão, dos de S. Carlos ou de D. Maria, os chame á ordem; não ha alli que tirar nem pôr; ao arrancar uma palavra ou outra, que parece um nó no sitio em que se acha, traz-se um fio enorme e fica uma falha na têa; o *calão*, a phrase baixa, algum verso que cambaleie, tudo é preciso

para dar a gamma do tom geral, que é a galhofa, a patuscada, a bambuchata, a ratice,—a ratice immortal!

*
* *

A toirada em beneficio dos irmãos Robertos atraiu este anno, como sempre, uma concorrencia extrema. O povo acotovelava-se, pisava-se, esmagava-se, para os não perder de vista; depois, quando se tratava de applaudir, como a multidão era immensa, cada um, de mão no ar, esbofeteava o seu parceiro, sem elle proprio dar por isso. Ahi está o que é o enthusiasmo! Ahi está o que é a sympathia! Ahi está o que é a moda!.. A moda, que governa o mundo, visto que até governa as senhoras —por ser ainda mais caprichosa que ellas, certamente! Os Robertos, que são cheios de merecimento, podiam valer o dobro, e se não tivessem caido em graça não se lhe faria nenhum dos triumphos, que a sympathia lhes decreta: nem capas bordadas, em bandejas de prata conduzidas por escudeiros! nem umas poucas de bandas marciaes, a tocarem em sua honra! nem aves, a voarem em sua gloria! nem

palmas, nem flores, nem sorrisos! nem o enthusiasmo de um publico, que faz passar toda a sua alma no olhar com que os sauda!...

A sympathia é isso! É isso a moda! Nem se encommenda, nem se compra! Alcibiades cortou a cauda ao seu cão: nada mais do que isto, e toda a gente se occupou d'elle!... Quanto mais ser *torero*, moço, esbelto, galante, com a vida nos olhos, a coragem no sorrir, e a força n'aquelles cabellos da côr da chamma!... A toirada correu excellentemente. Os Robertos foram incessantemente victoriados, e o publico conservou-se enthusiasta desde o primeiro boi até ao ultimo! A alegria popular estava alli! A festa popular estava alli! Alli estava o povo, nas suas horas de ruido e de prazer!... Já o anno passado assim fôra; para o anno que vem, assim será!...

Ah! O anno passado! Não se lembra vossa excellencia, d'essa tarde que ficou historica? A senhora d'Hortega atirou com o seu leque a um dos Robertos: quando o leque caiu na praça foi um diluvio de luz! Da sombra, alguns influentes, alguns dilletanti tauromachichos, davam pulos e gritos como loucos! Uma voz bradou:

— Beija esse leque!

E como o Roberto ficasse um momento indeciso, hesitante, extasiado, um trovão de vozes lhe deu coragem e a turba em clamorosa harmonia gritou quanto pôde:

— Beija! Beija esse leque, ó Roberto! Beija esse leque!...

E o Roberto beijou o leque!...

Ah! Sentia-se a Hespanha n'aquelle fervor! Em Hespanha quando um *torero* incendêia os animos, é uma coisa que vae ser fallada e de que ficará memoria! As hespanholas teem fogo nas veias, e sangue no enthusiasmo! Quando uma hespanhola aquece, é salvar do incendio! Ellas dão a vida por uma sorte de capa, e a alma por um *torero!*... É a febre da festa! Alli, quem não canta, não ama! quem não dança, não ama! quem não toureia, não ama! e *quien no ama, no vive!* Da manhã á noite, não se ouve sobre a relva d'aquelles campos senão o surdo susurro do sapateado! Os dias por lá são ardentes! frescas as noites! doce o ar! É alli que ha patria! É alli que mora o amor! É d'alli que se vê o céo!... Quando uma hespanhola se apaixona por um *torero*, atira-lhe primeiro um masso de charutos havanos!

depois, atira-lhe uma flor! depois, o leque! depois as luvas! depois, a mantilha! depois... o coração!...

Entre nós, porém, não succede assim; e todavia, aos Robertos não lhes faltou nenhuma das demonstrações mais vivas de sympathia. Merecem-as, é certo, pela sua coragem, pela sua aptidão, e pelas singulares qualidades da sua indole. São, no mundo, timidos como pombos; na praça, intrepidos como tigres. Uma vez, na Nazareth, vi-os tomar chá á noite. Fez-me isto impressão. Toireiros, que bebem chá!..

*
* *

Continuemos a ver livros!...

Aqui estão tres que me embaraçam mais que todos, porque são nada mais nem menos do que livros de sciencia,—e que sciencia então!—livros de medicina!...

Para estes casos especiaes de folhetim é uma pena não haver estylo de reserva, como o de agradecer a um facultativo, o que é um genero de litteratura no nosso tempo. É verdade que a litteratura tem hoje tantos generos! Ha tal, que nunca faz senão necrologios; outro, noticias de ca-

samento com parabens aos noivos; este, correspondencias sobre a utilidade de que a banda marcial toque no Passeio Publico, das tantas ás tantas horas; e aquelle, elogios e pontos de admiração ao doutor tal, que lhe salvou a vida pelo xarope de que é inventor, ou pelas pilulas que sabe applicar!..

Vejamos este ultimo estylo.

Primeiro, duas linhas attenciosas ao jornal:

«*Senhor redactor*. Peço a V. se digne publicar no proximo numero do seu acreditado jornal essas linhas de gratidão e justiça com que presto homenagem ao reconhecido merecimento do illustre doutor *. Sou, senhor redactor, com a maior estima, seu antigo assignante. * *

Segue a carta ao facultativo:

«Senhor doutor *. —Seria o mais ingrato dos homens se retardasse por mais tempo o publico testimunho do meu reconhecimento aos serviços que me prestaram as estimaveis pilulas de vossa senhoria. Até ao dia em que ouvi fallar de seus milagrosos effeitos, a vida não foi para mim senão um lorgo fardo! Era eu um objecto

de horror e de compaixão, para os que punham olhos no meu todo. Recebi, uma occasião, uma carta anonyma em que se me dizia, que eu não era um homem... mas uma ulcera!.. Minha magreza era extrema; os ossos, a cada geito que dava ao corpo, faziam uma bulha incapaz, e a cabeça pendia-me sobre o hombro, sustida pelo pescoço como por um fio!.. Para não tomar o tempo ao publico nem a vossa senhoria, só direi que estava reduzido a uma tão triste condição, que, voltando para minha casa n'uma cadeirinha, depois de estar no campo algumas semanas, minha esposa, que nunca me tinha visto d'aquelle feitio, recusou abrir-me a porta na ausencia de seu marido!.. Durante o segundo periodo da minha enfermidade, arranjou-se-me, não sei como, um buraquinho no peito esquerdo! Caso foi este, de tal natureza, que principiou logo a ver-se-me o coração, como qualquer póde vêr os proprios dedos, e os senhores estudantes do hospital de S. José principiaram a vir estudar á minha custa. Estava n'estas circumstancias, quando ouvi fallar d'esta inestimavel droga. Ainda não tinha engolido bem a primeira pilula, e já a mais extraor-

dinaria transformação se operava em todo o meu ser: á segunda cresceu-me a carne: á terceira tinha *regeneração* nos ossos. Hoje, disfructo no seio da minha familia a tranquillidade e saude mais invejaveis! Bastará que eu confesse que devo á Providencia,—depois das pilulas de vossa senhoria,—a felicidade que me acho disfructando!.. *Sou, etc.*»

* * *

A crise *bróas* é uma das mais arriscadas épocas do anno, para o homem civilisado! Anda toda a gente n'uma alegria convencional, e n'uma despeza convencional tambem. O sorriso expansivamente amavel do cabelleireiro, e as insinuações galantissimas, que nos dirige a proposito da caixa de musica, são o primeiro choque na tranquillidade que disfructavamos! Segue-se o correio que trepa a escada com mais pressa que de costume, e dá *dom* á criada enviando-nos as boas festas! Depois são os criados das casas onde vamos, os moços do botequim, os porteiros dos theatros, e os distribuidores de jornaes, que nos assaltam de caixa de papelão ou de poesia côr de rosa! Os distribuidores en-

tão, esses têem um estylo plangente e lamurioso, que corta o coração:

Aos bondosos assignantes
Vem hoje o distribuidor
Como é costume lembrar-lhe
Que nasceu o Redemptor.

Ou então:

É costume muito antigo
N'este nosso Portugal
Darmos todos boas festas
Neste tempo do Natal.

. . . . . .
Eu por tudo, desde já,
Me confesso agradecido;
E nas minhas orações
Jámais sereis esquecido.

Ou tambem:

. . . . . .
Desejo-vos boas festas,
Esperando me deis p'ra pão.
E se por acaso a fortuna
Vos negar o seu favor
Só lhe peço que vos livre
De serdes distribuidor.

Ou ainda:

.....
Não falla dessas perúas
Synonimos de piellas,
Falla d'outras que regalam
Com as suas cabidélas.

Animae, portanto o homem,
E fazei por dita sua
Que elle esqueça as penas d'alma
Vendo as pennas da perua!

Pois as visitas! Toda a gente se queixa d'essa massada, e toda a gente a continúa. Affectam alguns desdenharem a etiqueta dos bilhetes, mas desde o dia em que se faltar a esse uso, dirão logo elles com ar offendido:—«Fulano não é homem de boa companhia; não veiu sequer deixar-me um bilhete de visita do Natal aos Reis!» Esfriam-se as relações por esquecimentos similhantes; ninguem nos quer bem pelo que uma pessoa faz, e embirram todos comnosco por aquillo que não fazemos!

Consta que vae fundar-se uma companhia de comprimenteiros, aceadinhos, de physionomia agradavel, que hão de encarregar-se de dar boas festas aos nossos parentes e amigos, a tostão por pessoa.

Entra o comprimenteiro:

—Muito bom dia, minha tia, como tem passado? É com o maior prazer que, n'este dia solemne, venho dar a minha tia as boas festas, e desejar-lhe annos largos e bons!

—Vossa senhoria não é meu sobrinho para estar assim a chamar-me tia! Eu não conheço o senhor!

—Bem sei, adorada tia, não sou seu sobrinho, sou o Mamede, o Hermogeneo Mamede, empregado na nova companhia dos *Comprimentos de familia*. Permitta, minha tia, que lhe dê um abraço...

—O senhor está doido?

—Agora doido, minha tia! Eu sou pago para lhe dar um abraço, e hei de lhe dar um abraço, para desempenhar a minha obrigação! E vamos a isto, tia, vamos a acabar com isto, que ainda tenho que abraçar muitas pessoas aqui no sitio!

Esta companhia apresenta os melhores auspicios de prosperidade, e é regida pela melhor logica: pois se a gente acceita um bilhete de visita por procuração, porque ha de escandalisar-se de receber caricias por substituição de pessoa?

No que diz respeito aos presentes, é que debalde os esforços do Ferrari, do Castellar, *ed altri*, tentam eliminar o casal

de perús; ha pessoas de grande bom senso que se regulam sempre pelos annuncios do *Jornal do Commercio* a respeito das consoadas *uteis;* o nosso amigo o senhor Ribeiro de Sá alcançou diversas maldições da infancia por ser inventor d'esta utilidade, que a infancia se obstinava em não reconhecer, por adivinhar a marosca. A marosca consiste em o pae chamar o menino, sental-o nos joelhos, e depois de o haver banhado de lagrimas e inundado de caricias, dizer-lhe com voz terna: «Pequerruxinho, tu tens sete annos, já não és uma creança. Tolice seria, cuidar que tu quizesses gastar dinheiro em bogigangas a titulo de broas; um cão de algodão êm rama, nunca foi brôa; ratos artificiaes, carrinhos de molas, gatos a tocar rebecca, tudo isso é indigno da tua seriedade. Egualmente despresas, faço-te a justiça de o suppôr, as serpentes de loja de quinquilharias, e os diabinhos de lingua encarnada, que se quebram n'um instante e custam um dinheirão. Abençoado sejas meu filho, por teres tanto juizo já n'essa edade, e dares idéa do aproveitamento que tens tirado da boa educação que te dá a tua familia. Ora pois, entendo que desejas por consoada

esse bonito livro *Duas horas de leitura*, que o senhor Ribeiro de Sá publicou, para presente proprio d'esta época, e em chegando a Pascoa tambem has de querer a *Semana Santa* do Cardeal Wiseman, obra traduzida tambem pelo senhor Ribeiro de Sá, cujo unico desejo tem sido sempre de que os paes façam agradaveis presentes a seus filhos por occasião d'estas festas annuaes!

O pequerruxinho principia a metter os dedos nos olhos, e a dizer que antes quer um bonito. O pae diz que isso são descôcos, a que nem se deve dar resposta, e manda buscar ao Campos Junior as *Duas horas de leitura*. D'outras vezes, por não ser dotado de tanta previdencia, ou por não estar de pachorra para discursos, o pae sem perder de vista o *util* annuncia solemnemente a seu filho que lhe dá por consoada umas calças novas. O pequeno, que estava reduzido a uns calçõesinhos no ultimo fio, vinga-se das calças novas enchendo-as de nodoas.

* * *

Esse, não era apenas um bello talento; era uma alma formosissima! Um caracter

de oiro n'um destino infeliz. No tempo em que as illusões e as esperanças o acompanhavam ainda, não se viu nunca genio mais ardente nem mais enthusiasta. Deixava fugir as horas sem as contar, lendo, conversando, ou trabalhando. Espirito de uma actividade infinita. Um poeta que não fazia versos, mas que se entretinha com os seus sonhos. Um amigo, um irmão que abraçava Milton, consolava o Tasso, e tratava Petrarca por tu. A phantasia era tudo n'elle. Saltavam-lhe na cabeça as idéas e os caprichos, como as gotas da chuva nas vidraças. Estava cheio de futuro. Via tudo atravez d'um prisma; ouvia em tudo uma voz, cuja melodia se lhe affigurava ser só para elle: um hymno de amor na vida, um murmurio de sympathia na gloria. Desabrochava-lhe a alma em delicias ao sopro ardente do estio; seduzia-o o outomno com o manto de nevoa e a cama de folhas sêccas; o inverno tinha uma eloquencia, que elle entendia e apreciava; nem o desanimavam as lutas, nem o trabalho o cançava: depois de um dia inteiro á mesa de escripta, bastava-lhe um baile para o consolar; depois de uma noite de composição e de febre, um charuto havano, uma

chavena de bom café; depois d'um embaraço ou d'um revez, uma aria, uma phrase, uma idéa, um bom dito; qualquer coisa o animava, porque elle tinha uma enorme confiança em si e na sorte. Esperar um homem o seu Eden em quanto é moço é já gosar d'elle, da mesma fórma que gosal-o quando se é velho é estar com medo de o perder; elle estava moço, ardente, ambicioso,—e esperava.

Que lidar então! Que trabalho incessante e improbo! Guia-o a esperança, guia-o a consciencia de si proprio, a vontade firme, a fé, desde os primeiros passos, que são tambem os primeiros martyrios d'essa existencia contrariada e difficil. Lança-se nas lucubrações quasi improvisadas da actividade febril do jornalismo; cria o folhetim entre nós, torna-o um poder litterario, adquire de subito a facilidade de apreciação, a abundancia no dizer, a amplidão de pensamento, que tornam o escriptor de nossos dias imminentemente proprio para vulgarisar as coisas ou os factos conforme o modo de sentir e pensar d'esta época; torna-se o mais elegante, o mais suave estilista portuguez; é tudo para elle o culto da fórma; a sua phrase, cadenceada e vi-

va, ergue a idéa e atira-a por vezes como a polvora atira com as balas quando se inflamma; consegue tudo, vence tudo, alcança prodigios da nossa lingua positiva e douta, que, no seu estylo, torna-se prompta, leve e facil, ageitando-se flexivelmente a exprimir idéas mais graciosas do que profundas, pensamentos de mais engenho que substancia, impressões mais pessoaes do que geraes. Então, n'essas revistas espirituosas dos acontecimentos da semana no variado dominio das letras, da sciencia, das artes, e da sociedade, brilha elle durante annos, e brilha principalmente quando alcança a felicidade de não ter que referir, e que, na occasião de sentar-se á mesa de escripta, se encontra em frente do papel sem poder confiar-lhe um unico acontecimento, saindo-se do apuro por um milagre, tirando da penuria um banquete, do nada um trabalho encantador!

Graças a elle, o folhetim enthronisa-se entre nós, e entra nos costumes e necessidades da nação. Torna-se moda esta maneira rapida de communicar as apreciações, a facilidade d'este methodo de escrever a historia de cada dia, critica de todas as horas, que vae e vem como um relam-

pago, sem descançar um instante, e que convém de todo o ponto a uma época como a nossa tão apressada em escrever, em criticar, em pensar, em aprender, em saber, época em que os talentos são mais encyclopedicos do que profundos, e acompanham em tudo a actividade d'esta civilisação dos caminhos de ferro e dos telegraphos electricos, apressada, impaciente, febril. É elle o representante, na litteratura portugueza, do caracter, das tendencias, da feição do nosso tempo. Emprehende todas as questões politicas, todas as questões litterarias, todas as questões sociaes dos nossos dias. Passa do folhetim ao romance e do romance ao theatro; depois, parecendo dirigir a sua attenção para outra ordem de estudos, enceta um curso de economia politica.

Todavia, os seus escriptos humoristicos em que a veia da ironia circulava sempre, haviam-lhe grangeado despeitos e inimizades. A inveja, que nem sempre acerta, approveitou essa occasião para o censurar, e perguntou com que direito ia, esse escriptor facil, tocar em taes problemas. De todos os lados então pareceu gritar-se-lhe: Voltae! Voltae para os vossos folhetins!

E isso nascia de não se consentir em Portugal que o mesmo homem possa ser superior em mais de um genero. Enclausurâmol-o na especialidade em que se estreou e em que obteve os primeiros triumphos. Julgamol-o perdido se quizer sair d'ella. Annunciamos-lhe queda infallivel na occasião mesmo em que elle fôr correndo mais lesto. Ficamos admiradissimos, ficamos enraivecidos, talvez, se não escorregar. Atrever-se a desmentir-nos! Elle tivera o revez de se apresentar ao publico pelos seus artigos espirituosos, e ninguem havia feito reparo em que o fundo d'esses maliciosos gracejos era por vezes extremamente serio. Catalogaram-o na especie folhetim, pregaram-lhe com um alfinete o competente letreiro no seu repartimento, e não o deixaram sair. Consentiram-lhe os romances, toleraram-lhe aquellas encantadoras paginas de viagem que tinham por titulo *Recordações de Italia*, e absolveram-o de um drama e dois proverbios. Mas, economia politica! Um homem de espirito, que não tinha outra coisa senão espirito! Impossivel. Onde havia estudado, e que sabia?

Porque elle não conseguiu nunca per-

suadir ao publico que ao mesmo tempo que era um escriptor amêno, um escriptor ligeiro, um escriptor elegante, era...—um sabio, não, que de certo não o era; mas, um homem *que sabia*. Não porque houvesse queimado as pestanas debruçado sobre os livros, mas porque tinha uma facilidade enorme e uma remeniscencia prodigiosa; apprendia todos os dias, sem se saber como, e o que uma vez apprendia ficava-lhe de tal fórma gravado para sempre na memoria que lá o encontrava na hora e na occasião em que o precisasse. A verdade, porém, é que o seu amor proprio resentiu-se do acolhimento ingrato com que eram recebidos os esforços da nobre curiosidade do seu espirito, e attribuindo á reputação de futilidade, que uma porção ignorante do publico consagrava ao folhetim, a pouca attenção que se lhe prestava para tentamens mais serios, abandonou o genero em que se creára, o genero que marcava a superioridade do seu talento, e, vendo passar a seu lado a onda dos ambiciosos folgando no poder e na fortuna, deixou-se levar pela tentação e lançou-se na politica.

Pobre espirito adoravel! Esse foi o pri-

meiro passo para a sua queda e para a sua desgraça. O escriptor morreu n'esse dia. Não é dizer que as lettras devam apenas ser cultivadas por solitarios, contemplado-res, quietistas, indifferentes a tudo que não sejam ellas; mas, no nosso paiz, a am-bição e a necessidade arrancam ao estudo as intelligencias privilegiadas e levam-as a encontrar unicamente decepções onde es-peravam a fortuna e a gloria. Assim elle, na idéa de que a nova direcção da sua carreira lhe exigia ser grave, abandonou todas as qualidades do seu espirito, cur-vou a cabeça ás exigencias de uma situa-ção que por si proprio creára, preoccupou-se unicamente de ser sério, e desde então quando alguma vez nos seus escriptos se permittia uma ironia, um chiste, um para-doxo elegante, parecia logo pedir perdão de lhe haver escapado similhante erro. En-tristeceu-o aquella methamorphose, apa-gando-lhe de repente a graça e o brilho do estylo. Consultando todos os seus traba-lhos posteriores mal se suspeita n'elles a expansão e a facilidade do seu primeiro methodo. A politica, que principiára a per-del-o, alcançou-lhe ser deputado; a me-thamorphose litteraria a que se entregou

alcançou-lhe ser professor, o que foi o remate da sua ruina. Querendo vencer de repente o que só uma direcção de estudos de muitos annos poderia facultar-lhe, entregou-se a um trabalho que o devastou. Lia, annotava, commentava todos os livros, lidando desde o romper da manhã, dormindo duas horas apenas, e lastimando essas duas horas perdidas. Andava preoccupado, andava triste e inquieto. Haviam-lhe mentido todos os seus oraculos d'outr'ora, e já não acreditava mesmo em si proprio. Tornou-se-lhe tudo escuro em redor. Não tinha uma venda nos olhos, mas principiou a tel-a n'alma. Os seus amigos inquietaram-se do estado em que o viram. A extrema actividade de espirito perturbou-lhe a acção cerebral, mas a lealdade do seu caracter generoso nem então se desmentiu; imaginava-se rico, altamente collocado, offerecia-nos dos seus haveres, e instava para que acceitassemos. No breve intervallo que medeou da revelação d'esse estado á sua reclusão, comprou livros por toda a parte, muitos livros, todos os livros que encontrou. Mas, a essa hora já estava perdido. As faculdades da sua intelligencia haviam-se adulterado e es-

talaram como as cordas de um instrumento.

Então principiou a noite d'aquelle destino fatal. O seu espirito, o seu coração, tornaram-se um tumulo em que elle enterrou quanto amára. Lá velava uma lampada, que atirava de tempos a tempos um clarão; mas o fumo confundia tudo. Longe do mundo por uns poucos d'annos, havia-o esquecido, mas vira sempre a seu lado uma figura radiante de dedicação e de amor, uma d'essas santas companheiras, que são a metade de nós mesmos, que nos seguem, que vellam por nós, um d'esses anjos terrestes que raramente se encontram na vida, mas que todos nós sonhamos,—sua esposa, um poema de affeição e de ternura. Um dia, ultimamente, elle sorriu-lhe. Os medicos disseram que ia salvar-se talvez. Ia salvar-se, ia. Ia morrer!

*
* *

A collecção de feras de mr. Bernabó é a ordem do dia. Não se trata d'outro assumpto. Bernabó *ci*, Bernabó *lá*. As feras estão na rua Nova da Palma, n'um barracão contiguo ao salão Meyerbeer. Este

salão e este barracão estão destinados a serem o refugio de todas as excentricidades que nos cheguem do estrangeiro, e o senhor Ruas, seu proprietario, não perdoaria a um cãosinho sabio ou a um tigre domesticado o irem bater a outra porta que não fosse a sua. D'esta vez, felizmente, deve-se a mr. Bernabó o mais singular espectaculo a que a rua Nova da Palma tem assistido, e a sua excellente galeria zoologica mandada vir pelo governo, ao que me consta, para distrair das eleições a opposição, está conseguindo maravilhas n'esse sentido. Não se quer senão feras. Feras e Bernabó. Bernabó *ci*, Bernabó *lá!*

O que elle reuniu de leões, tigres, jaguares, ursos brancos e pretos, pantheras, hyenas, leopardos, lobos da Russia, rhinocerontes, etc., parece uma historia. Comparado com o senhor Bernabó, Daniel na cova dos leões não passava d'um pobre santo mais proprio para domar ratos. O senhor Bernabó vive no centro d'aquella feroz bicharia disfructando a mais doce tranquillidade. Não se imagina ar mais socegado e sereno que o d'elle no meio de pantheras, chacaes, e gatos tigres, nem graça mais encantadora, a não ser a de

v. ex.ª leitora querida quando faz festas ao seu king charles que lhe dorme no colo. O senhor Bernabó tem olhar imperativo e ao mesmo tempo suave, e visita todas as noites com pasmoso sangue-frio os tigres e os leões, que arremetem a perguntar-lhe como passou com os roncos mais expressivos e commoventes. Uns lambem-lhe os pés, outros lambem-lhe as mãos, e outros o mais que fazem é saltarem-lhe familiarmente aos hombros e trincarem-lhe com galanteria o colleirinho e a ponta da orelha. Podia com a maior facilidade o senhor Bernabó metter-lhe os dedos pelas goellas, e a cabeça dentro da bocca, como já se tem visto praticar,—mas elle faz apenas isso uma vez ou outra, como quem não tem o menor empenho em nos assustar, e que, depois de haver enriquecido á custa de grandes perigos, não está desejando vivamente que o leão o coma. Um ou outro amador de catastrophes a dois tostões por bilhete, talvez se queixe da simplicidade do trabalho, e deplore que um grãosinho de terror não venha temperar o encanto d'aquella segurança. Quando o domador Charles esteve em Lisboa, havia até senhoras que se compraziam em o verem

expôr-se quotidianamente á morte. Uma menina de compleição delicada e tenue, branca como um lirio immaculado, um anjo sonhador, estava sempre a pedir á familia para irem aos bichos, e era rara a representação a que faltavam. Um dia perguntou-lhe alguem o motivo de tanta assiduidade:

—É porque, respondeu aquelle anginho, o Charles mette todas as noites a cabeça na bocca do leão, e quem sabe lá o que succederá!

Entre os homens, Charles tinha talvez mais voga que Bernabó; mas, Bernabó já mette de vez em quando a cabeça na bocca do leão, e os homens que são quasi todos mais ou menos cobardes, sentem-se já lisongeados na pessoa de Bernabó do grande poder e coragem do *homem*. Sáem d'alli de cabeça levantada e inchados todos de orgulho. O que os não impede de serem capazes de desmaiar se de repente um cão lhes ladrasse ás pernas!

Coisa singular, o cartaz de mr. Bernabó não mente! A sua collecção de feras é realmente admiravel não só pela formosura e raridade, mas pelo tamanho dos animaes que a compõe. Todas as noites o publico

affluе alli em ondas, e extasia-se diante daquella formidolosa bicharia. Não poderia eu referir-lhes tudo quanto se conta de Bernabó; é um poema. Hercules no berço a matar serpentes, não passava de um pobre pequerruxito comparado a Bernabó quando menino. Assim que o senhor Bernabó abriu os olhinhos á claridade, logo seus vagidos attrahiram os leões e os tigres extasiados, como outr'ora a lyra do amante de Euridyce. De uma occasião, conseguindo esquivar-se á vigilancia da criada —tinha então quatro annos, se tanto— voltou á noite para casa conduzindo uma hyena e com dois ursos e um lobo atraz de si. Imaginem o pasmo da sua familia! Os Bernabós comprehenderam desde logo que a vocação do Bernabósinho era de ser devorado mais cedo ou mais tarde por um animal qualquer, e como eram paes extremosos não quizeram de maneira alguma contrariar as idéas de seu filho. Desde então, o joven Bernabó relacionou-se com todos os leões dos arrabaldes, fraternisou com todos os jaguares da visinhança, e metteu-se de gorra com as pantheras.

O sr. Bernabó nega que haja instinctos ferozes. O unico animal perigoso que elle

até hoje tem encontrado, o unico em quem não se fia, o unico que lhe sáe traidor, ingrato e perfido, não é a mulher, é o homem—mas o homem que lá não vae.

* * *

E se houvera tentado conversar comsigo a semana passada, leitor gentilissimo, arriscava-me grandemente a entristecer a revista com o dia mais memoravel que teve a semana,—o dia de finados. É uma semana pesada para folhetins, mesmo que o sol doire a cidade, e que os campos se matisem de verde, de amarello, e de encarnado, com ares de se vestirem á moda oriental. Felizes os defuntos que dormem na paz do tumulo! Que os folhetins não perturbem aquella hora consagrada em que a memoria regressa ao coração dos vivos. Devemos deixar silenciosos e serenos irem visitar os cemiterios, os homens, as mulheres, as creanças e os velhos, quantos tiverem saudades e chorarem um vacuo no coração ou no lar; deixemol-os ir tristes, e vestidos de luto; é a theoria extensa e confusa das familias destroncadas pelo vento da morte.

O folhetim não tem o direito de investigar quaes sejam os sentimentos de toda essa gente que vae de manhã ouvir tres missas e de tarde aos Prazeres ou ao Alto de S. João, nem deve importar-nos se obedece a um movimento espontaneo da sua magoa ou á pratica de um uso antigo. Quem sabe se a mentira e a hypocrisia, dois vicios secretos da nossa sociedade, entram n'isso um poucoxinho? Mas, se um moralista poderá indignar-se, accusar a abstenção do rico que se fecha em casa, ou a depravação do pobre para quem a porta do cemiterio é egualmente porta para a taberna, o folhetinista deve lembrar-se apenas que se existe algures, n'um coração solitario, um sentimento delicado e nobre, isento de qualquer alliança grosseira, isso contrabalança bem a torpeza dos outros. Tiremos pois o nosso chapéo, ao acaso, perante essa procissão mortuaria, que recorda ao menos nas apparencias um respeito poderoso outr'ora, hoje quasi extincto, e procuremos nós tambem, escriptores, procuremos os nossos finados.

Aonde estão elles? Os pobres poetas, que deram a sua alma á humanidade e continuam ainda hoje a nutril-a com a sua

substancia mais intima? Se quizermos visitar os tumulos dos nossos poetas, dos nossos sabios, dos nossos artistas, communicarmos com elles atravez do tempo e do espaço, inspirarmo-nos pelo seu grande coração, levantarmos a nossa fraqueza á altura da sua poderossa virilidade, a que porta havemos de ir bater?

A França tem o Pantheon; aos grandes homens a patria reconhecida, diz a inscripção; necropole riquissima de grandes nomes e de immortaes memorias; a Inglaterra tem a abbadia gothica de Westminster onde estão reunidos ao lado dos soberanos, partilhando com elles das honras e do imperio da celebridade, os simples cidadãos que pela sua vida e pelos seus trabalhos illustraram a patria, guerreiros, homens do mar, homens de estado, litteratos, eruditos, que alli dormem no silencio dos mortos cercados do respeito dos vivos; a Italia tem Santa-Croce, que conserva nos seus tumulos de marmore, no centro das maravilhas artisticas dos seculos, a memoria dos finados italianos illustres;—mas nós, nós nem sabemos pela maior parte onde os nossos nasceram nem morreram: os antigos, nem pensamos n'isso; os mais

recentes, esquecemol-os, e calcamos-lhes aos pés as cinzas; os que não desappareceram, estão espalhados por toda a parte, nas egrejas, nos cemiterios, em Lisboa, nas provincias, no estrangeiro, esquecidos na confusão das campas, ou no tumulto das hervas e das çarças!

*
* *

Estou persuadido que o desejar uma coisa é a maior das probabilidades contra ella; que ha na esperança uma força (ou uma farça!) secreta, que repelle para longe tudo o que se deseja; que o pulsar inquieto do coração é como um rumor de passos que, ao accelerar-se, faz fugir a creatura ou a coisa amada; e que, finalmente, o folhetim em que se sonha, é o que nunca apparece!

Não vê o leitor amigo, bom homem que ainda acredita em alguem ou n'alguma coisa, não vê que somos nós proprios que nos atiramos de cabeça a todas as decepções? Espera uma pessoa um bem qualquer... falta-lhe, porque aspirou a elle; se receia alguma semsaboria... ella comnosco, porque a attraimos. E se, por caso raro,

e nunca á hora em que a gente o queria, e ou já nos cançou de anciedade e de expectativa, ou surge modificado e em condições tão differentes que ao vel-o não se sabe se nos dá mais pena que gosto; e o mal que se receia, se não estala dez vezes em vez de uma, vem pelo menos substituido por outro quarenta vezes peior e que não se esperava!

É preciso viver sem desejos e sem esperanças. A felicidade tem só dois braços, o estoicismo e o Deus dará. Para vencer, convém não pensar n'isso; para possuir, não aspirar ao goso; para ter saude, não tratar d'ella; para ter folhetim, não o procurar. Não me digam que estou a fazer paradoxos. Os factos gritam por si mesmos; por esse mundo fóra, a sorte dá pão duro a quem tem sêde, e um copo d'agua a quem tem fome; os que estão fartos vivem na abundancia, e quem é só rico de apetite pede esmola; a saraiva vae sempre embirrar com as searas que o sol já tisnou, e a neve dos montes derrete-se sobre os valles que a chuva inundou já!

É rara a existencia que não anda ás avessas, e que não boia contra a maré pelo rio do tempo adiante. A habilidade con-

siste em cada um se contentar com tudo, e até sem coisa alguma, indo sempre em continua perspectiva do contrario do que lhe aborrece. Psyche quer tornar a ver o amante, e inclina a lampada; o amante acorda e foge! Orfêo volta-se para ver a sua Eurydice, e a adorada creatura cáe outra vez no inferno!

Em nossa alma até se dá o mesmo: o desejo é um facho como o amor, facho que no desejo crepita e no amor devora! Ha um demonico que lhe pega e o levanta entre nós e o objecto que nos seduz: illumina-o de frente, e aquelle fulgôr artificial deslumbra-nos... O objecto vem-se aproximando, ou vamos-nos nós chegando para elle, e, á proporção que mais perto estamos, o demonico com o facho na mão pernêa, salta, passa-nos por traz, alumia outros objectos que estão mais distantes, e ahi fica apenas uma sombra estitica que a figura que um momento antes nos deslumbrava projecta sobre nós!

* * *

As provincias, unicamente, é que ainda adoram os poetas e os artistas vivos, sem

lhes exigirem como Lisboa, para terem direito á sua sympathia, o *chic* de algumas pás de terra e de algumas linhas de necrologio em cima do corpo! Quando um homem de lettras visita a provincia, converte-se em supremo acontecimento para a localidade; espreitam-o, mostram-o, convidam-o, acolhem-o com uma dedicação encantadora, suffocam-o de obsequios, inundam-o de albuns, e por um triz que lhe não pedem cabellos! Da mesma fórma quando a provincia visita Lisboa, um dos seus maiores cuidados é avistar as celebridades; e soffre desillusões, ás vezes; desenganos fataes; d'outras vezes mistificações formidolosas...

Um provinciano, que veio pela primeira vez á capital e que conhece um lisboeta, cujo nome me não lembra agora, foi procural-o, abraçou-o e disse-lhe:

—Não te peço que me sirvas de *cicerone*...

—Queres antes que te sirva de *cornac*?

—Tambem não, isso é bom para os elephantes, e eu não aspiro a tanto. Não pretendo ver os Jeronymos nem a quinta das Larangeiras; o favor que espero de ti é de irmos dar uma volta pelo Chiado,—já sei

que pelo Chiado passa Lisboa toda—e mostrares-me os litteratos!

—Vamos a isso! responde o outro, todo contente de se desembaraçar do caso com tão pouco trabalho.

Ao chegarem ao Marrare, o lisboeta designa ao provinciano um sujeito qualquer, que está tomando cognac, e diz-lhe:

—Ahi tens Alexandre Herculano!

—Este cavalheiro de luva côr de peito de rôla e bigode retorcido?

—Sim.

—É bello joven, e tem uma bonita gravata; gosto d'estas gravatas de riscas encarnadas; e tu?

—Tambem gosto. Olha, olha, vês este rapaz magrinho de suissa á ingleza?

—Vejo; este que está a cantar?

—Sim; é Francisco Palha!

—Ouvi dizer que era gordo!

—Ah! Então tu os queres conhecer melhor do que eu, é differente! Deixa lá fallar. Espera, ahi vae passando o Pinheiro Chagas...

—Este general, a cavallo?

—Sim.

—Olha que é o conde de Santa Maria, que eu já o vi lá na provincia!

—Máo. Digo-te que é o Pinheiro Chagas.

—Bem. E a senhora Pussich, vê se me mostras a senhora Pussich?

—Não ha.

—Como, não ha?

—Não ha. A senhora Pussich é um homem!

—Essa é boa! Ao contrario de George Sand, que é mulher! Mas visto isso os jornaes andam a cassoar com a gente.

—Sempre.

—Ah! Andam sempre a cassoar?

—Constantemente!

—Nunca mais assigno para periodicos. Agradeço-te muito o incommodo que te dei, e, se alguma vez fores á provincia, no que estiver ao meu alcance hei de provar-te o meu reconhecimento. Desejava ha tanto tempo ver os litteratos! Obrigado, meu amigo! Obrigado por este favor!

Já Lisboa não é assim. Lisboa enfada-se até de os ver, porque, bem conhecem a verdade, Lisboa não gosta d'elles senão... depois de mortos! Ainda esta noite a platéa superior estava apinhada de homens de lettras, e ninguem olhava por elles, no que os proprios não repararam, e, mesmo

que reparem, não sabem a que se deve essa indifferença; mas sei eu:—é por estarem vivos!..

* * *

O heroe da semana... foi o chapéo de chuva!

Durante estes oito dias olhou a gente, todas as manhãs, sem saber por qual se resolver, os dois mudos e humildes servidores do lisboeta,—o chapéo de chuva e a bengalla, trastes perfidos, traiçoeiros farcistas, que armam quasi sempre chalaça a um desgraçado... Se está para chover, a bengala adivinha-o com o seu instincto nativo de marmeleiro ou gingeira, e ella ahi vem pelo seu proprio pé offerecer-se á nossa hesitação: depois, assim que se apanha fóra de penates, se desaba a cair chuva e o sujeito fica encharcado, a bengalla lustrosa d'agua põe-se a rir,—põe-se positivamente a rir! Pelo contrario, se o sol deve tirar d'alli mais a boccado a sua mascara de nuvens e brilhar senhor do firmamente azul, pressente-o o chapéo de chuva em cada fio da seda, e trepa-se no dono antes do homem ter tempo de consultar os ares: sáem para a rua, e, até á

noite, acha-se o sujeito condemnado a andar com o *infame* debaixo do braço!

Eu tenho horror, terror, pavor, ao chapéo de chuva, e estou convencido que elle embirra comigo, para não dizermos abertamente que é meu inimigo pessoal. Assim que principia a choviscar, eu, cheio de prudencia, se vou pela rua ou praça publica, abro logo o chapéo; n'esse mesmo instante abrem-se mais vinte, encastellam-se uns por cima dos outros e todos por cima do meu, ou por baixo, ou d'esguelha, praguejando eu, praguejando elles, praguejando todos contra mim! Ou então, assim pela Patriarchal, Rocio, largo da Sé, ou Terreiro do Paço, a ventania vira-m'o n'um instante, e chove dobrado até me reduzir a uma perfeita sôpa em quanto me entrego á complicada empresa de o restituir á sua fórma primitiva!

Ainda houve um tempo em que eu perdia sempre esse traste horrivel. Que de chapéos de chuva extraviei por esse mundo! Nos estanques, nos cafés, nas seges... A culpa não era minha. Os chapéos haviam tomado a resolução de se perderem, e era sua formal intenção o induzirem-me a despezas novas, e darem-me, de cada cha-

péo de chuva que perdia... um abalo moral!

A bengalla por ahi anda tratada n'uma chistosa scena-comica; mas o chapéo de chuva? É preciso que o senhor Garrido se incumba d'elle quanto antes. Tratar da bengalla sem tratar do chapéo de chuva, é empreza esteril; reclamam juntos as mais sérias considerações; representam a vida debaixo dos seus dois principaes aspectos —o da borrasca e o da bonança, a tormenta e a serenidade, a chuva e o bom tempo!

A bengalla, com o engrossar, passa da travêssa juventude á velhice que se abordôa: o chapéo de chuva, á medida que diminue, vae da grosseira barra azul ou encarnada do gallego e do saloio, que se desenvolve na maior amplidão por cima de uma familia, até á sombrinha imperceptivel da elegante, que parece uma folha sobre a flor de suas faces!

O chapéo de chuva ergue-se para o céo, a bengalla volta-se para o chão. Ha dois mundos n'estes dois objectos; um levanta-se, outro curva-se; aquelle desabrocha nas nuvens e defende-nos do que vem de cima; esta serve para os casos terrestres,

e para nos defender os lombos do que por cá vae por baixo; appareça, appareça quanto antes uma scena-comica, que complete a physiologia da bengalla pela physiologia do chapéo de chuva! O governo que subsidie um auctor para levar a effeito este estudo!

A chuva esta semana transtornou tudo. A senhora Volpini constipou-se, madame Borghi-Mamo teve uma nevralgia, Mongini por causa da chuva não poude... *desconstipar-se*, o senhor conde de Farrobo por amor dos defluxos auctorisou a empreza de S. Carlos a fazer theatro quinta e sabbado, o ministerio do reino espirrou com esta medida para constipações, o senhor conde de Farrobo teve um calafrio de amor proprio, e pediu a sua demissão. Tudo isto por causa da chuva!

A chuva, todavia, que é o terror dos elegantes, o flagello dos empregados, o martyrio dos artistas, e o inferno dos distribuidores, enche de jubilo o typo nacional do namorador de officio, sujeito que segue as damas, diz finezas ás que se arregaçam, e é capaz de ir atraz de um pé, de uma perna, ou mesmo de alguma de pé e perna, da calçada do Marquez de

Abrantes a Campo de Ourique! Têem, ás vezes, suas desillusões, coitados, esses queridos peraltas de dia de tempestade: succede que, depois de uma viagem de duas horas atraz de uma mulher, nem sempre têem que cantar victoria. O chapéo de chuva é o unico companheiro e confidente d'estas emprezas da galanteria nacional; só elle escuta o monologo do conquistador de dia de chuva: só elle, não digo bem; escutam-o ambos, o chapéo de chuva e o folhetim. Querem fazer idéa? Ouçam o homem:

—Que lindissima perna! Delgada na extremidade, bem feita, graciosa, tentadora! Quando digo delgada na extremidade, é porque na extremidade unicamente é que ella é delgada. Para cima, ao contrario... Ao contrario completamente.

Pois o pé!

Isto sim, que póde chamar-se pé de fada, pé do tamanho de uma orelha, do tamanho de uma orelha, do tamanho de uma brôa! pé de se metter na bota... ambos de uma vez!

Tambem, faça-se justiça, a botinha tem grande collaboração n'este effeito scenico. Olhem como se leva! Tic, tic, tic! É pé,

que não parece ter mais de oito annos. Dez annos quando muito. Tão espertinho e catita!

Oh! Mas principalmente a perna! A perna é que ainda não se viu coisa assim!

A meia se não é de seda, bem o parece. Muito fina! Para ser de *fil d'Ecoce* acho-a tão transparente... Tem mais geitos de ser de seda côr de rosa.

Tão bem puchada!

É coisa para ver-se!

Levo o chapéo de chuva que parece um tanque que se voltasse... Chove a despedir este mundo e o outro... Não tem a menor duvida... *hatchim!* que já estou constipado!

Por isso mesmo, agora é andar para diante. Constipado já eu estou. Deixar ir!

Que, para dizermos que sinto frio, não. Palavra d'honra! Não sinto frio de qualidade alguma!

Tenho até calor! Calor é que eu tenho! Vae-me o sangue aos pulos!

O que é, aliás, naturalissimo. Desde o Poço Novo que formo em guarda d'honra a esta adoravel perna! E a marche-marche, sempre a marche-marche!

Vamos na rua dos Cavalleiros... E bem

cavalleiro que é preciso ser para um trote d'estes! Apezar que ainda não estou cançado. Qual é agora o homem que não faz leguas! Uma legua e duas! Deixa chover. D'isso me ri-o eu! Que façam relampagos ou trovões, vou-me andando! O que eu peço a Deus, sei eu. Peço-lhe uma coisa só:

—Senhor das misericordias... mandae mais vento!

Porque, levantando-se vento, sempre eu poderia ver... Quem sabe? Talvez que a liga!

Oh! A liga!

Ver a liga, e depois morrer!

Ella é senhora e muito senhora. Conhece-se pelo modo. O que me espanto é ir a pé! E mais a razão é simples,—não se encontram seges por alugar senão quando faz bom tempo.

Será moça e formosa, trigueira ou loira? Ver-lhe o rosto é que eu ainda não pude. Para lhe passar adiante... Era camelice. Deixava de ver-lhe a perna! E podia! E podia mesmo assustar esta lindissima creatura. Quando digo lindissima... Aposto que o é! Figura elegante, muita graça no pizar, e mesmo se vê que a perna é moça!

E dizer-se que não posso ver... *Hatchim!* e que todo o meu empenho era avistar ainda que de relance... Estão para ahi sempre os jornaes a metterem a bulha o furacão, de sorte que já não ha pé de vento que se atreva a deitar o nariz de fóra!

Esperem, que alli ha uma poça do tamanho de um regato, e estou como me quero!

Attenção!

Olho vivo!

Upa! É arregaçar, que não ha mais remedio...

Fatalidade! Anathema! Maldição! Querem ver que... Ah! Não... Sim! Sim!... Upa!

Vi!...

Azul! Uma liga azul! Eu vol-o agradeço, ó providencia, e ó desleixo municipal! Isto indica que a dama é loira!

Loira! Toda a minha vida tive um fraco pelas loiras! Estou namorado; é caso decidido. Era já de esperar... *Hatchim!* Que lindissima perna, e que todo harmonioso!

Se ella descançasse um instante! Esta calçada de Santo André é os meus peccados! Tenho um palpite que isto é promessa.

Vae a pé ao Senhor dos Passos da Graça! Não entra sequer n'um confeiteiro para tomar... *Hat...*

Chim... um capilé morno. Pelo amor de Deus, para que vae esta creatura tão depressa!

O vento principia a assoviar. Lá vão pelos ares as taboinhas de uma janella de saccada! Ó grandioso espectaculo da natureza enfurecida, indemnisa-me da canceira que apanhei!

Bravissimo! Tudo vae bem!

Já incham as velas...

O vento encrespa.

A *crinoline* está a tremer em seus alicerces qual não sem rumo!

Deus das misericordias, o que irá passar-se? O temporal augmenta. O navio vae já sem governo. Voltou-se a vela grande! Depressa,—o piloto da barra!...

Cá estou!

—Minha senhora...

—Ai!

—Minha senhora, se vossa excellencia quer fechar a sua sombrinha, e abrigar-se ao meu chapéo de chuva até encontrar um trem?

—Não sei se aceite...

Ui! Vi-lhe a cara! Estou embuchado. Não tenho palavras com que explique... Quem poderia fazer idéa? Tem mais de cincoenta annos... e oculos azues como as ligas! É azul de mais para um homem só!... *Hat.*

Chim! Constipadissimo... para isto! Moro á Estrella e estou na Graça. Que brincadeira! O inverno vae mal principiado!

Á medida, porém, que o vendaval favorece o viandante conquistador, toda a outra gente, desde o leiteiro que surge com o raiar do dia até á patrulha que apparece com a noite, mostrou-se queixosa d'esta semana de tempestade, que até invadiu os sagrados direitos do somno, açoutando as vidraças e abalando as habitações dos cidadãos com um vento temerario que a carta constitucional não preveniu. O theatro do Gymnasio, que, desde a *Probidade*, tem-se affeiçoado aos vendavaes, está dando n'este momento uma peça de circumstancia, *A Senhora da Bonança*. O publico, que vê n'este titulo sympathico a sua actual invocação de cada dia, tem concorrido ao theatro, para ao menos encontrar alli debaixo de telha a bonança que não lhe é concedida por em quanto a céo descober-

to. Reservemos para a semana a descripção da nova peça do Gymnasio, em que ha navio, combates, e naufragio, como é de rigor; a *Senhora da Bonança* tem feito, estas noites, entre outros um milagre não pequeno,—salvar o publico do vendaval da rua e deixal-o ir até ao Gymnasio a salvamento! A empresa que continue a resar.

*
* *

O senhor Lupi frequentou a academia das bellas artes de Lisboa de 1843 a 1847, cursando nos primeiros tres annos a aula de desenho historico onde foi premiado nos dois concursos em que entrou, e fazendo estudos na aula de pintura tambem historica os quaes continuou depois por algum tempo fóra da mesma academia. Não sei se por lhe exigirem as necessidades da vida material, abandonou em 1849 a carreira artistica para seguir a de empregado publico, começando a servir na contadoria da imprensa nacional, sendo depois despachado para o logar de contador da junta da fazenda da provincia de Angola, e ainda depois para o logar de aspirante da 2.ª classe das direcções do tribunal de

contas, a cujo quadro pertence ainda. Ninguem adivinha que n'estes empregos esteja escondido um artista, e todavia não tiveram elles jámais o poder de alhearem a sua vocação, e o amor pela pintura foi crescendo n'elle atravez de todos os sacrificios, até que em 1860 se propoz a fazer o retrato do senhor D. Pedro v com destino para a sala das sessões do referido tribunal. O festivo acolhimento que esse trabalho obteve n'uma exposição, animou o artista a sollicitar do governo licença do seu emprego e um subsidio, para ir aperfeiçoar-se na arte em Italia, e quando isto lhe foi concedido conta elle proprio que estremeceu ao ponderar a responsabilidade que contrahira. Partiu todavia para Roma, tendo occasião n'essa viagem de visitar Londres, Paris e Genova, e admirar n'essas cidades, principalmente na segunda, onde se demorou mais alguns dias, obras dos mais illustres artistas das differentes escolas.

Em Roma estabeleceu desde logo o plano para os seus estudos, que consistia no exame e observação dos quadros dos melhores auctores desde o renascimento das artes, em copiar algumas d'essas obras,

em estudos de anatomia, no hospital, e de modêlo vivo, no seu proprio gabinete e n'uma academia que frequentava á noite. Na exposição que ultimamente teve logar da sociedade promotora das bellas artes, appareceram alguns trabalhos de Lupi executados em Roma. *O templario*, a *Melancholia*, *Uma recordação de Africa*, duas cabeças de mulher, uma de rapaz, e tres retratos, e a impressão que elles produziram foi tão profunda que não podia deixar de o animar na execução de um trabalho mais importante. Foi no *Fr. Luiz de Souza* de Garrett que escolheu o assumpto para esse quadro, sua ultima obra em Roma, e que elle offereceu á academia das bellas artes. Antes de o fazer expedir para Lisboa fez uma exposição particular, alcançando o resultado mais lisongeiro, e deixando na nossa embaixada dois attestados que sobre o merito do quadro passaram o presidente da academia de S. Lucas e um dos respectivos professores, attestados que provavelmente serviram de base á informação official que o governo deve ter recebido a seu respeito.

Hoje, eil-o de novo alma separada do corpo; o seu quadro na academia, e elle

no tribunal de contas! Que de recordações da arte, que doces e amargas lembranças dos dias felizes de trabalho mas de independencia e de poesia! Como as cifras hão de engrossar-lhe ás vezes na idéa, e methamorphosearem-se em explendidas physionomias de algumas bellas mulheres da Italia! Que feliz elle havia de ser, em 1861, quando Victor Bastos, o nosso distincto esculptor, o abraçou em Roma, e que foram ambos ver Florença, a cidade mais rica de monumentos, extasiando-se diante da escóla florentina e enthusiasmando-se juntos perante as obras primas da arte! Hoje, como o peregrino debaixo da tamareira do oasis, cada um d'elles se põe á sombra da sua propria memoria, refugiando-se n'ella contra os assaltos do presente, e colhendo, em vez de doces tamaras, ora uma remeniscencia que os deleite, ora um esgalho de idéas que os refresque!

O quadro que se acha em exposição representa a ultima scena do segundo acto de *Fr. Luiz de Souza*: é quando o romeiro, dizendo vir da parte do captivo da batalha de Alcacer-Kebir, tem repetido as palavras d'elle—«Ide a D. Magdalena de Vilhena, e dizei-lhe que um homem que

muito bem lhe quiz... aqui está vivo... por seu mal!... e d'aqui não póde sair nem mandar-lhe novas suas de ha vinte annos que o trouxeram captivo» e que Fr. Jorge lhe pergunta:

— Conheceis bem esse homem, romeiro, não é assim?

Romeiro—Como a mim mesmo.

Fr. Jorge—Se o vireis... ainda que fôra n'outros trajos... com menos annos—pintado, digamos—conhecel-o-heis?

Romeiro—Como se me visse a mim mesmo n'um espelho.

Fr. Jorge—Procurae n'estes retratos, e dizei-me se algum d'elles póde ser.

Romeiro—*(sem procurar, e apontando logo para o retrato de D. João)* É aquelle.

É n'este momento que o quadro representa as figuras. D. Magdalena de Vilhena traduz n'uma expressão de susto, anceio, pressentimento, espanto, o grito do coração que o poeta lhe dá na peça: o padre apoia uma das mãos sobre o braço de uma cadeira como precisando amparar-se para não cair de pasmo: e D. João, digno, sereno, magestoso, ergue o braço apontando para o retrato com um gesto firme e inponente. No quanto como espectador pos-

so julgar, o quadro parece-me de uma composição harmoniosa e distincta, brilhando pela expressão, e sobresaindo pelos personagens, que pensam e vivem; ha pintores de genero, de historia, de religião, —porque não os ha de haver tambem de poesia? Bem que este quadro se considere historico, a parte poetica, a composição propriamente, a expressão do drama pelas physionomias, são a meu vêr o seu principal merecimento. Lupi é um artista que tem o sentimento do ideal, a inspiração melancholica, a paixão reflectida e ardente dos talentos creadores: o publico tem festejado constantemente o seu quadro, os artistas abraçaram-o com enthusiasmo, Garrett se vivesse haver-lhe-ia dado na fronte o beijo fraternal dos poetas.

*
* *

A grande novidade da semana foi o baile dos senhores condes de Penafiel, prodigioso de riqueza, de explendor, e de elegancia; uma d'essas festas que não se descrevem, porque se mata a idéa d'ellas ao querer guardal-a; as flôres do espirito perdem a côr e o perfume ao transplantar-

mol-as do seu berço para os nossos artigos; cáem-lhes as perolas do orvalho que lhes esmaltava os calices; as mais bellas impressões ficam longe sempre das que se entoam no Eden da alma; e as sensações mais frescas, quando a penna as colhe, não parecem depois senão espectros de idéas!

Espalhava-se por todos os lados um espirito de vida n'este baile, e a affabilidade distinctissima dos donos da casa augmentava-lhe ainda o encanto. O inverno, vencido, abandonou o seu throno ao abril d'aquella noite. Tudo vivia; tudo se animava, sorria tudo; e a felicidade, como uma flôr da alma, desabrochava com as rosas n'aquella explendida primavera de algumas horas!

Uma prodigalidade de flôres; uma phantasia de luz; um capricho de elegancia; um jardim de rosas e de diamantes; de todos os lados milhões de camelias a sorriremnos scintilantes de côr e de frescura, como que contentes de já não serem divindades nos jardins e preferindo ao ar e ao orvalho o explendor, a harmonia, o perfume do seu encantador captiveiro; tudo que as artes conseguem, tudo que o gosto prepara, tudo que a sumptuosidade inventa; um

sonho accordado; alguma coisa do Oriente, berço da imaginação, d'onde nos vem a luz!...

* * *

A nossa época falsifica tudo.

Os tribunaes recompensam de vez em quando conforme o merece, a quem falsifica notas do banco.

A formosura inventou e propagou os dentes postiços, os cabellos alheios, e a côr artificial...

As bandas marciaes e o theatro lyrico já quasi nem reparam nas notas falsas.

Ha ruas inteiras que são um vasto armazem de amores fingidos.

Lisboa vae cheia de boas pessoas fingidas, ricos fingidos, fidalgos fingidos, valentes fingidos, e fingidos devotos...

Faltava o tauromachico fingido.

Já ha!

Um trecho de genealogia vae pôr o leitor no caminho da verdade.

O tauromachico fingido é o producto incestuoso da economia e da especulação.

Para elle as toiradas de fidalgos, as toiradas raras, as toiradas em que ha empenhos de vida ou morte para alcançar bi-

lhetes, são as grandes toiradas, as toiradas que mais o captivam. Nos domingos ordinarios por mais que os foguetes chamem por elle, o cruel não vae: acha a hora incommoda, incommodos os logares, incommodo o transito: nem quer jantar antes, nem depois; os bancos de pinho, o apertam, subir a calçada de Sant'Anna ou trepar a rua do Telhal, coisas são que muito o enfadam. Não é por não ir de sege, mas tem quesilia aos tivolis, tem nojo d'elles, e um genio irritavel que o leva a arriscadas pendencias com os boleeiros: já deu cabo de dois ao ir para os toiros: não vale a pena: passa bem sem aquillo.

Para as toiradas de fidalgos, é outra coisa; conhece o conde de..., fez grandes patuscadas com o filho do visconde de..., trata-se por tu com o marquez de..., e até elles podiam reparar se o sujeito não fosse pedir-lhes alguns bilhetes para si, para a sua familia, e para alguns amigos a quem elle tem habituado a admirarem os nobres toireadores, e que eram capazes de dar um tiro em si se não conseguissem ter entrada na praça n'uma tarde tal. Aqui, refere elle quão grande e antigo amador é d'estas festas; não lhe fallem de

bailes, nem de theatro; para S. Carlos se lhe passam bilhete em beneficio, manda sempre o gallego; nunca vae a concertos por falta de pachorra; o theatro normal adormece-o; no Gymnasio já está farto do Taborda; póde dizer que nem as mulheres o entretêem nem os livros: chegou á época em que não se quer já ler, e em que já não se póde amar; apenas os toiros o accordam, quando são corridos por fidalgos; n'outros tempos, na era da falua e do chorrião em que ir uma pessoa de um lado para outro era mais uma fadiga que um prazer, nunca elle falhou ás toiradas de *longes terras:* era constante em Villa Franca, em Alcobaça, na Nazareth; mas agora já não lhe bastam toiros, precisa fidalgos, e em havendo corrida illustre renasce-lhe a *rellé!!!*

Do tauromachico fingido, d'esse amigo que procura a commissão a um por um e a cada um pede bilhete, escreve cartas á direita e á esquerda, levanta-se cedo para apanhar os fidalgos ao accordarem, deita-se tarde para os agarrar ao recolherem, remeche tudo, invade tudo, atropela tudo, d'esse sujeito, d'esse amigo, d'esse falso tauromachico saem, ás vezes, dois:

Um deseja os bilhetes porque são de graça.

O outro faz principalmente gosto n'elles... para os vender.

Ora, para a memoravel toirada d'este mez em que a gente sincera tão ardente empenho teve de ir á festa, imaginem qual seria o empenho da outra, da que não é sincera! O falso tauromachico sentiu-se em época de colheita. Nunca espectaculo d'este genero foi mais anciosamente esperado: faziam-se baixezas para alcançar logar: os tauromachicos sinceros andavam n'uma inquietação febril, compraram-se bilhetes a seis mil réis: foi o primor das festas: dizia-se o *dez de agosto:* acudiram tauromachicos, dos bons, dos leaes, dos veridicos, de todos os lados do paiz: dias antes da grande tarde já não havia um camarote, já não havia um bilhete de galeria nem um bilhete de sombra, já não havia sequer um logar de sol...

Por isso ás tres horas do famoso dez de agosto, ás tres horas perfixas, quando cheguei á praça, não encontrei apenas as trincheiras cheias, encontrei cheias as escadas, e consegui por muita fortuna alcançar um dos ultimos degráos de onde

se avistavam os hombros de quatro sujeitos gordos, e o chapéo branco de um sujeito magro, que se achavam nos degráos superiores. Não era precisamente isto que eu lá ia vêr, mas foi isso que eu vi,—até ao momento em que uma inspiração do doutor Thomás de Carvalho alcançou que rompendo a multidão e a força armada eu me encontrasse collocado no camarote da administração.—«Vivo! exclamou cada um de nós, caindo nos braços do outro, ao cabo d'aquella peregrinação de corredores e escadas. Estás vivo! Ó meu Deus, eu t'o agradeço!»

* * *

Anna Bolena passa entre nós como o typo da enredadôra, da intrigante, da má mulher, e applicar este nome a uma creatura é dizer-lhe a peior das injurias. Nem a historia nem a opera justificam similhante opinião, e o mais que se sabe em detrimento dessa pobre rainha é que ella tinha seis dedos n'uma das mãos. Todo este odio veiu nos da Hespanha; os nossos visinhos, exasperados contra ella por succeder no throno a Catharina de Aragão, esmagaram-a com toda a exaggeração que

levam sempre no odio, no amor e em tudo. Ella não foi mais do que a causa involuntaria de todos os desgostos que oprimiram Catharina.

O coração foi-lhe insensivelmente para Henrique VIII, cuja vaidade ciumenta caprichou em a tirar do lance a um lord que a namorava, empregando toda a qualidade de seducção para a fascinar, supplicas, lagrimas, juramentos, todos os recursos da febre amorosa que lhe dava a miudo e que o tornava persuasivo á força de parecer franco e leal. É provavel que a ambição a encaminhasse um pouco, e que a corôa ajudasse a sedusil-a; mas o que parece é não haver sido apenas o apparato do throno que a attraiu. Tudo indica que ella amou realmente, sinceramente, o rei; e Henrique VIII era homem para agradar ás muiheres; sua energia de vontade, o despreso pela opinião dos homens, a audacia em se expôr aos perigos, o olhar, a voz, as lagrimas, artificios com que elle lhes exaltava a imaginação, dão verosimilhança á facilidade com que um tigre d'aquelles se fazia amar, e á persuação que sua perfida lingua inspirava sempre a cada rainha nova, de que a defuncta era

culpada e que a sua morte tinha sido um sacrificio forçado, não aos amores novos, mas á magestade do throno ultrajada!

Originaes costumes os d'aquella época, incertos, fecundos, cheios de mocidade, de contrastes, de rudez, de astucia, tentando tudo, provando de tudo, degolando, queimando, gosando! Henrique VIII é uma figura que ainda não se avista no theatro sem estremecer tyranno; excentrico e voluptuoso, grosseiro, hipocrita, alegre e cruel, galhofeiro e inflexivel, sedento de vingança, morrendo por mulheres, e, ao mesmo tempo, de profunda insensibilidade; os vicios do selvagem e os do homem civilisado; não matando por odio ou por ambição, mas por divertimento; convertendo em victimas todos a quem se ligava pela amisade ou pelo amor; ligitimando os prazeres pelo assassinato: querendo esposas em vez de amantes, e, para casar com uma, matando a outra; abjecto, atroz, hediondo, mas tão falso que conseguia ser amavel, porque, se não sabia recusar ao seu odio a vida de um homem, empregava tambem todos os meios para fazer presente da honra de uma mulher aos seus desejos.

Anna appareceu-lhe moça, formosa, e, principalmente, adoravel d'espirito; havia estado em França, patria da elegancia e da graça, e distanceava-se das inglezas; o rei sentiu ao vêl-a mais do que um capricho, teve o delirio da paixão, a furia do amor, a ancia do tigre ao avistar a companheira.

Foi rainha. Mas é isso um crime para que a nossa gente lhe queira tanto mal? A historia não diz d'ella senão que era alegre, com um genio de creança, mais vaidosa que soberba, um pouco afrancesada nas maneiras, e tendo graça a conversar. Em tudo isto, que é do amante? O amante não se vê senão na opera. Na historia ha um irmão, um irmão de quem Henrique VIII suspeitou, ou lhe fez conta suspeitar, mas simplesmente um irmão. O que se refere é que de uma vez n'uma festa em Greenwich a alegria da rainha era grande, e o rei cuidou vêl-a olhar para seu irmão de um modo que lhe deu suspeitas; que, d'alli a instantes, o irmão que acabára de dançar fôra para ao pé da rainha, e que, estando elle com calôr, ella surrira e lhe atirára o seu lenço.

Interrompo-me porque diviso no leitor

um gesto, um olhar, um não sei que de desconfiança. O leitor é um grande Henrique VIII, é o que eu lhe digo! Todos os leitores são maliciosos, perfidos, incredulos! Vejam ao menos que a justificação de Anna Bolena está completa no comportamento de Henrique VIII; no dia immediato ao da execução de Anna, casou elle com Joanna Seymour, e o ultimo responso da missa de defunctos encontrou-se com a benção de nupcias ao viuvo da vespera!

*
* *

Discutir as feias em plena praça de folhetim! Coragem; se houver um espirito que me approve e um olhar que me anime, basta-me isso; com um aperto de mão já uma pessoa póde viver!

Elle, para dizermos a verdade, não ha nem houve cousa vaporosa como a formosura, a revestir, a envolver, a comprimir a materia! Um corpo quanto mais bonito for menos corpo é, e só a fealdade informe póde gabar-se de ser absolutamente material. Para o despontar do amor, para a persuasão da verdade, para o esclarecimento da justiça, que ha de mais fecun-

do, mais forte, mais luminoso que a bellesa? Tudo deriva d'ella; desce directamente do céo e desenha em cada maravilha nova as perspectivas sem fundo do infinito!

Umas feias ha—que não são tal feias, mas que os patetas consideram taes—que, então essas, valem para mim este mundo e o outro. Está-se vendo, todos os dias, que sem ser absolutamente correcta e formosa, uma mulher agrada, prende, faz fallar de si, offerecem-lhe versos os poetas, os pintores depõem-lhe os lapis aos pés, e a sua apparição n'um baile attrae as vistas todas. E depois, ha mil cousas que embellesam uma mulher, um titulo, um nome querido nas salas ou nas artes, um reflexo de gloria; tanto mais que se dá com a formosura e com o talento o mesmo que com as flores; os angulos e os defeitos dão frequentemente a certas phisionomias um perfume attrahente que semblantes mais correctos não possuem. Se a gente for perguntar ás roseiras porque rasão teem espinhos, terá de ouvir: «Porque não ha graça sem ser piccante, e se eu não tivesse espinhos seria japoneira e daria rosas sem cheiro!» As feias interessantes,—mas,

são as primeiras mulheres que existem, e repare o leitor que quanto mais reputação de formosura e maior bulha produz na sociedade uma senhora, menos um homem rasoavel se dirige á ella. Não se faz a corte senão ás feias interessantes; as outras teem muitos adoradores e poucos amantes. Tratam-se como deusas, queima-se-lhes incenso em redor, atiram-se-lhes flores, elevam-se ao seu altar mil suspiros allados, mas os sentidos ficam muito bem quietos perante a magestade sobrehumana de seus rostos!

Das feias a valler, mas feias que fazem doer, as *exquesitas*, creaturas impossiveis em que Portugal abunda, não fallemos; os musicos batem com o pé quando ouvem desafinar, os geometras encravam o compasso ao verificarem um traço mal dado, os gastronomos dão com a lingua um estallo no céo da bocca ao provarem um pitéo que apanhou fumo ou ficou mal temperado, e eu fecho os olhos quando encontro as *exquesitas!*

As *exquesitas*, no sexo em que os dois attributos essenciaes são a bellesa e a bondade, teem de ser consideradas como creaturas neutras, nem boas nem bonitas, não

fazendo lembrar nem o homem nem o animal, não traduzindo a dôr, nem a ternura, nem a resignação, nem o amor. Que boccas, que narizes, que orbitas! E sempre a mecherem, e vira d'aqui, e volta d'alli, e adiante das outras, e agora se levantam, e ahi espirram, e fallam, e polkam,—irra!

Vão duas mulheres pela rua; uma, magnifica; a outra inqualificavel; a *boa* e a *exquesita;* vae uma pessoa a evitar esta e a seguir aquella, mas uma abaixa a cabeça e a outra levanta o nariz para o ar, uma apressa o passo e a outra parece que nos acompanha; inclina-se o sugeito para vêr uma, e a outra corta-lhe a vista; dá um homem um passo á frente para fallar á *boa*, e a *exquesita* é que o ouve e responde em voz cavernosa:—Vá andando o seu caminho!

Na egreja, collecção completa de bruxas devotas; no omnibus, grupo shakspeareano de matronas impossiveis; nas barcas de banhos, nos theatros, e, mais que tudo, nos bailes de mascaras, gorgonas, santopêas, carrancas, aranhas, a hyperbole do genero!

* * *

A minha familia quiz fazer-me medico. Dizia uma tia minha que era essa a unica profissão independente. O procurador da nossa casa, quando ia visitar meu pae estreiava-se sempre pela galanteria de querer que eu lhe tomasse o pulso. Tentaram despertar em mim a sympathia pelas enfermidades e o gosto pelos remedios. Apresentaram-me aos boticarios como futuro doutor, e achei-me aos quatorze annos relacionado com numerosos pharmaceuticos. Cada uma das aulas dos preparatorios custou-me a engulir como uma pilula. Por mais que eu diligenciasse da-me ares de prologo ao destino grave que me reservavam, a mãe naturesa destruia tudo. Cantava arias a meia voz, *mezza vocce*, nas aulas, lia romances, e fazia versos. Era indispensavel mudar de rumo e mudei. Os meus parentes continuaram a suppôr pelo tempo adiante que eu ia tratando de ser medico. Antonio Maria Barbosa, o celebre e distincto operador, perguntava-me rindo, quando nos encontravamos:

—Em que anno medico andas?

Estava traductor do Gymnasio, e levava com aquella boa gente a mais alegre época da minha vida. Os parentes continuavam cada vez mais a considerar-me no caminho de entrar no *docto corpore*. Uma occasião traduzi o *libretto* do *Chalet*, que fez furor em Lisboa; uma pessoa das suas relações escreveu a uma de minhas primas «que já lhe constára haver tido logar a primeira recita da minha opera»; a prima tomou recita por receita, e opera por operação, e mandou-me comprimentar.

Na época justamente em que, seguindo o curso, eu devia sair do hospital, entrei na *Revolução*. Toda a vasta escala dos meus parentes que se appressava a abraçar um medico, encontrou um folhetinista. *Proh pudor!* Cada um ergueu os olhos ao céo, pareceu encommendar-me á misericordia divina, e affastou-se vivamente sensibilisado.

Não sei se com os annos se desvaneceu um pouco em mim a antipathia pela profissão; o certo é que hontem, no Gymnasio, tive pena d'elles, e pareceu-me que deveria ser prohibido no nosso tempo cassoar ainda com os medicos e com os frades. Tem-se esgotado a materia vasta dos

seus ridiculos; está findo o processo; esclareceu-se a causa; o theatro antigo disse tudo; o povo tem juizos finaes que não se repetem; a comedia medica deu o que tinha que dar.

Que são os medicos de hoje, prevenidos com uma solida instrucção que os conduz ás claras na sciencia, tendo apenas algum pallido senão, algum pequeno ridiculo sem relevo, em comparação dos collossos d'asneira e de absurdo d'outros tempos, em que a medecina era um sacerdocio burlesco exercido nas trevas da rutina por tyrannicos pedantes! Fóra de Hippocrates não havia salvação, ou, a havel-a, era sacrilega. Lembrem-se da doutrina do doutor de Moliére que «ainda que levasse a bréca o doente, não dispensava um jota ás regras dos antigos, nem a poder de quanto oiro ha no mundo quereria curar uma pessoa com outros remedios senão os que manda a faculdade!»

Não era decerto mais clara nem menos perigosa a caverna de Throphonio do que as escólas em que se ensinava essa ignara medicina. Não havia pratica, de proposito; o mestre nunca levava o discipulo á cáma de um doente; nunca lhe fazia estudar o

mal na carne, a vida na morte; passava-se tudo em argumentos pueris e em torneios dialecticos, muito latim, nariz em cima dos livros, grandes ares de sabichão, e ignorancia crassa da natureza. As theses que se lhe offereciam a resolver eram questões d'esta importancia:

—Os heroes nascem heroes, ou fazem-se?

—São biliosos?

—Faz bem, ou não, embebedar-se uma pessoa uma vez por mez?

—O espirito é acto natural?

—Os bastardos teem mais juizo que os filhos legitimos?

—Deveremos guiar-nos pelas phases da lua para cortar o cabello?

A grande gloria era consumir horas em palestras d'estas. D'esses antros sem perspectiva para a natureza e sem vista sobre a humanidade, sahiam os carrascos de toga que assolaram a Europa durante seculos, a sangrarem, a purgarem, a darem aos doentes espantosas bebedictas, dignas da taça de venenos do moderno melodrama!

A lanceta levava tudo adiante de si em torrentes de sangue; a espada do soldado

não foi nunca tão devastadora! A sangria, como os sacrificios dos tempos barbaros, teve os seus sacerdotes e os seus fanaticos; o sangue no corpo era como a agua na fonte, que quanto mais se tira mais se acha. Havia duellos á lanceta. A qual era capaz de sangrar mais um homem! Sangravam creanças de dois mezes, sangravam creanças de tres dias! A sangria era um artigo de fé!

Com uma complicação de receitas gothicas e de drogas arabes, a pharmacia d'essa homicida medicina não era menos ratona do que a diagonostica, e transformava o estomago do paciente n'um alambique. Os preceitos do tempo lembram os ingredientes que as feiticeiras de Macbeth atiram para dentro da caldeira. Entravam trinta e tantas substancias para qualquer remedio; oiro, esmeralda, perola, saphira, ambar, coral, etc. Cada pilula era um thesouro! O Taborda admira-se, no Gymnasio, da carestia dos remedios homeopathas: que diria elle d'aquellas drogas destinadas a limpar as algibeiras ainda mais que o ventre dos desgraçados! De que bronze seriam feitos os homens d'esses tempos para resistirem assim aos clysteres

e ás purgas que a todo o instante lhes applicavam! As pessoas reaes, como primeiros pacientes da medicina official, davam o exemplo aos vassallos do escorripichar da garrafada sem deixar um só pingo no fundo. Nunca houve reis mais purgados! Reis á prova de ameixa e de ruibarbo!...

Similhante pratica tornava os doutores de uma ferocidade incalculavel; andavam sempre em discordia, a folhear cartapacios e *in-folios* que mettiam medo; chovia tôda a casta de vociferação e de injuria em latim, foi um trovão de polemica, as furias da contenda zurziram o mundo á direita e á esquerda com as serpentes de Esculapio, a tinta de escrever damnava a gente como a espuma dos cães, tudo foi odio e fel, até saltaram os medicos nos boticarios, que, para se illustrarem, foram escogitar a Biblia e desencantaram em Isaias o inventor da pharmacia por haver posto n'umas ulceras uns figos passados!

Os *Medicos* do Gymnasio apanharam o lado comico da medicina moderna, n'uns poucos de typos risonhos. Ha o sujeito que não quer senão *amputação;* ha o peralta que pensa em tudo nas conferencias, menos no doente; ha o que anda ás ara-

nhas com ares de callar o caso para si; ha o ratão que mistura alhos com bogalhos, e, quando o doente lhe descreve a enfermidade, o interrompe a pedir-lhe emprestado um melro para ensinar o seu a cantar; e ha, já se vê, o homeopatha, que trata de graça, e vende os remedios por um dinheiro fabuloso! Esta collecção de typos agita-se em redor da caricatura de um burguez estupido, que se julga atacado da epidemia carbunculosa por ter feito uma nodoa na mão ao entornar um frasco d'agua de tingir o cabello. É uma toleima absurda, impossivel, mas acaba uma pessoa rindo ás gargalhadas quando vê o pobre diabo por uma serie de quiproquos e de descôcos na persuasão de que foi mordido por um barrete, um barrete da pelle de um animal damnado!

Se não fosse Taborda, o processo empregado para arrancar ao publico muita gargalhada teria de ser violento como o dos dentistas; com elle tudo se explica, e o prodigioso actor atravessa tres actos perfeitamente ôcos com uma graça, uma naturalidade, uma bonhomia, que dão á agonia imaginaria do credulo burguez as proporções de uma acção interessante.

* * *

Sei de um concelho, um pouco longe de Lisboa, onde o administrador, que aliás é um bom homem, tem a mania de pôr escriptos indicativos por toda a parte.

Em casa d'elle lê-se escripto nas portas:

Saleta em que o senhor administrador faz a barba.

Ou:

Sala de jantar do senhor administrador.

Ou:

Alcôva onde dorme o senhor administrador.

Tem um banco em frente da casa, e mandou-lhe escrever por cima:

Banco para cada um se sentar.

Mais adeante, lê-se á entrada de uma ponte:

Ponte para passar.

Quando uma prima, que tinha em sua companhia, perdeu uma saia, ainda hoje não sei porque casualidade, pediu elle ao padre que dissesse ao povo depois da missa,—especie de annuncio nas terras em que não ha jornal:

Perdeu-se uma saia de mulher.

Li eu proprio á entrada de uma fazenda que lhe pertencia, e por onde o povo atalhava o caminho no tempo em que as chùvas tornavam impraticavel a estrada de carro:

É prohibido passarem cavalgaduras por este carreirinho, excepto o senhor administrador e sua senhora.

As medidas cautelosas d'este funccionario publico produziram sempre em meu animo a impressão mais grata, e occupei-me de o imitar no referente á minha lida. Hoje, por exemplo, abrindo a pasta dos *casos urgicos*, encontro alguns retalhos preventivos sob os seguintes disticos:

Para o senhor folhetinista dizer quando não souber o quê.

Ou:

Maneira de acabar um folhetim em dia em que nem haja por onde o principiar.

Ou:

Caso que o senhor folhetinista dirá ter succedido na semana que lhe convier, apesar de ha muitos annos e bons o ter arrecadado n'esta pasta.

E tenho tambem á porta da alcôva, em que durmo:

Quarto onde o senhor folhetinista medita.

E por cima da pasta dos casos urgicos:

Pasta da sabedoria do senhor folhetinista.

E á porta do gabinete onde trabalho:

Gabinete em que o senhor folhetinista faz o milagre semanal.

E, no papelucho que embrulha tudo que já ahi vae escripto hoje, um rotulo que diz:

Arte do senhor folhetinista encher quasi duas meias columnas da sua revista da semana, em caso urgico.

* * *

No tempo em que Lisboa lia ainda versos e assignava espontaneamente para os jornaes litterarios, quando Antonio de Serpa se occupava em apresentar-nos um pagem tocando bandolim debaixo das janellas de sua ama, Palmeirim invocava S. Gonçalo de Amarante para que além das velhas casasse as moças tambem, e Augusto Lima cantava as fogueiras de S. João como poeta sem pensar que mais tarde devia prohibil-as como administrador, outro

talento estava em moda e conseguia que os seus versos andassem decorados pelas donzellas d'esta terra, bastante boas para haverem alcançado de seus paes o serem assignantes do *Jardim das Damas:* chamava-se Augusto Emilio Zaluar.

Por pouco certo que o leitor esteja hoje d'esse nome, nem elle póde ser-lhe de todo o ponto estranho nem deixará de recordar-se vagamente do homem que o tinha. Eu proprio, e era bem novo n'essa época, lembro-me de ver no passeio publico aos domingos, passear nas ruas lateraes, envolvido n'um amplo albornoz de capuz, dos que tanto se usavam então, um moço alto e esbelto, phisionomia arabe, cabello crespo, olhos grandes e negros, tez bronseada, e o ar melancolico e distraido, que faz com que os burguezes digam comsigo ao verem um poeta. «Ainda bem que eu não sou feito assim!»

Nada posso dizer do seu caracter, nem das mil particularidades de indole que mesmo no trato do mundo dão quasi sempre a verdadeira idéa de uma pessoa. Nunca lhe fallei, e nunca o ouvi fallar. Não era, ao que supponho, muito amante da sociedade, e em vez de borboletear nas noites

de theatro lyrico de comarote em camarote em visitas de pura etiqueta elegante, permanecia obscuro no seu logar de platéa, escutando attentamente a musica e entregando-se todo ao extase sonhador da sua alma. Era um homem verdadeira e sinceramente triste; diziam-o em parte os seus versos, em parte a expressão de seu semblante;—a sua vida disse o resto. Elle não foi ao Brasil dançar nos bailes, de cravo ao peito, á caça de um casamento: foi, devorado de maguas, aproveitar o ultimo lampejo da esperança, trabalhar e lutar.

Infelizmente, porém, a desgraça tem os seus predilectos, e até se converte n'uma especie de protectora misteriosa que os defende de certos males. A dôr sanctifica, como outrora o rayo. Em ella marcando alguem, chega a impôr aos inimigos e a fazel-os recuar. O soffrimento da alma intimida os perigos, vaidoso de destruir sosinho o edificio da vida. Não consente sequer que uma doença, uma miseravel doença, ou uma ferida qualquer, lhe levem a victima. Tem ciumes do seu direito de destruição, e diz ao perigo:—Não toques n'este homem, que é meu! É o que explica o lento decorrer de angustias, não só d'este

poeta, mas de outro que ha muitos annos tambem existe no Brasil, espirito que conhecemos alegre e motejador, e a quem a sorte tem opprimido de invenciveis revezes, Faustino Xavier de Novaes.

Separado da sua terra e saudoso da familia, Zaluar não encontrou no seu animo nem a força de zombar do infortunio, nem a de esconder ao mundo os seus desgostos. É d'isto que nasce o sentimento individual, que predomina a sua musa, sem ser todavia um orgulhoso de mau gosto que só pensa em si, mas um infeliz que não sabe esquecer-se.

Ainda um d'estes dias vi uma gravura de não sei que velho quadro, que exprime perfeitamente a meu vêr o que deve ser a poesia. Está Appollo de pé, junto de um altar de onde pega na lyra: o deus encosta brandamente o instrumento ao peito, como se as pulsações do coração divino bastassem para dar voz ás cordas. O fundo da poesia, e, se póde dizer-se assim, o pedestal da lyra, são as grandes idéas religiosas, eternas, de que o altar é indicio alli. Mas, para se tornarem canticos, teem de passar pelo coração do poeta. Os elementos da poesia

estão em toda a parte, na natureza e na humanidade, mas o seu berço está no coração do homem; ahi se lhe formam azas, como á ave no ninho, para voar atravez do mundo. Zaluar, como elle proprio reconhece, raramente entra nos dominios da meditação philosophica encontrando ainda um ecco da poesia que illustrou o nosso seculo, e de que estamos assistindo á triste decadencia, como se a nascente fecunda que abundava em idéas, em sentimentos, em imagens nas obras de Garrett, Castilho, Pereira da Cunha, D. João de Azevedo, haja seccado de subito, ficando em logar d'ella uns arranjos meramente artificiaes, de syllabas sonoras e ôccas com que alguns trovistas se esforçam por disfarçar a fraqueza e a insignificancia da sua inspiração.

Os piedosos affectos do lar, assim como todos os sentimentos generosos, e nobres inspiram este poeta, mas não conseguem libertar-se do tom incessantemente angustioso, que só á sympathia de uma alma dedicada não parecerá monotono.

O volume termina por uma notavel composição *Os rios*, dedicada ao imperador do Brasil; sente-se ahi em toda ella o vôo de

uma imaginação ardente, e os dotes de um espirito contemplativo e profundo. Quantas vezes pergunta a gente a si propria que logar póde ter a poesia nas preoccupações dos homens do nosso tempo, e a resposta que dá a si mesma não é muito para animar aquelles, que a sua estrella dotou, no berço, do sagrado rayo. A hora do triumpho dos poetas, passou; não sobem já ao capitolio com a fronte cingida de loiros; mas, em redor do altar abandonado da musa, ha ainda logar para alguns fieis que escutam as vozes inspiradas. O culto da poesia está-se parecendo com aquellas religiões proscriptas cujo passado foi grande e illustre, e que esperam, na solidão em que celebram seus mysterios, a occasião de apparecerem de novo á luz do dia e reconquistarem o seu poder sobre os espiritos; e é por composições como a dos *Rios* que isto póde esperar-se, e que poderá conseguir-se.

***

N'esta mesma semana me chegou outro livro tendo por titulo *Furtado Coelho*. É outro nome que a leitora conhece,

e ha ainda hoje decerto sobre o seu piano uma ou outra walsa d'elle. Faz-me saudades recordar este moço. Acode-me ao espirito a lembrança de um tempo em que convivemos muito, que foi justamente o dos primeiros passos da carreira de ambos. Cuido estar ainda n'um celebre quarto dos *Irmãos Unidos*, onde nos reuniamos uns dez ou doze a jantar quasi todos os dias; polkas por cima da cama, e nós por cima d'ellas: um piano de que elle não prescindia, e que era nas longas e serenas noites d'aquella patriarchal hospedaria o confidente incessante das suas inspirações: um bahu em que se guardava a roupa e a guitarra: um cofre para as cartas de amores e para os cigarros: uma pequena mesa, cuja gaveta arrecadava as escovas, os livros, as cartas d'exame, os retratos de mulheres, e a navalha de barba: e desenhos pelas paredes, e cognac pelo chão, e mocidade em tudo!

Tambem esse fugiu. Mas não foi a desgraça que o levou, foi o capricho,—o deus das imaginações de vinte annos. Ouvia dizer que no Brasil sempre faz calor; teve um dia frio, e foi para lá. Nem elle sabia o que era, nem o que queria ser: tocava

em tudo, tentava todos os ramos da habilidade humana, compunha musica, desenhava, tocava piano, escrevia para o theatro, poetava em albuns, e, no dia em que estava para se lembrar de fazer um relogio, lembrou-lhe fazer-se actor. Comprou um chapéo de palha, tomou um bilhete no paquete, e foi para o Rio de Janeiro.

O livro que hoje recebemos, e a que o seu nome serve de titulo, são estudos biographicos sobre a sua carreira de artista, escriptos pelo senhor Felgueiras Sobrinho. São paginas muitas vezes fluentes em que se sente o amigo, e o enthusiasta. Seria para desejar n'um trabalho d'este genero a descripção de algumas eventualidades mais ou menos originaes da existencia do biographado, coisas que interessam ao leitor e que dão a verdadeira feição do artista. Um hymno permanente de elogios cança quem lê: haveria sido util entremear de anecdotas, historietas galantes, ditos e excentricidades do homem, a vida do actor; colleccionar n'um volume todas as noticias diversas dos jornaes a respeito de um artista, e todas as poesias que no theatro se deitaram em sua honra, póde servir para formar um album, que elle conserve em

cima da mesa, mas é de mau gosto n'um livro destinado ao publico como apreciação critica. Houve cuidado de mais em reunir incenso: não escapou uma phrase de noticiario, nem uma estrophe cahida de uma torrinha; Furtado Coelho deveria ter pedido ao colleccionador o que Talleyrand pedia sempre ás pessoas a quem incumbia alguma coisa: *Surtout, pas trop de zêle!*

O que porém parece seguro, e o seu talento auctorisa-nos a crel-o, é que Furtado Coelho, indo de encontro á velha rotina da declamação melodramatica, foi no Brasil o inaugurador da escóla moderna, e produziu uma verdadeira revolução na scena e no gosto. Moço, bem educado, abundante em conhecimentos litterarios, homem de boa apresentação e de bom porte, é de todo o ponto verosimil e justo o accolhimento festivo que lhe hajam feito. D'aqui lhe damos com alegria os parabens de amigo!

***

Matta não é um cosinheiro nem um pastelleiro, é um artista, mas um artista a quem nem todos entendem; cumpre ser amador e amador pratico para lhe dar va-

lor: muitos ha que conhecem de cór e salteado os melhores tratados da arte alimenticia, e são incapazes de um rasgo de talento, uma inspiração culinaria, por nunca haverem posto o avental branco; o avental branco é tudo: todo o homem que, uma vez na vida pelo menos, não frigiu uns ovos, não fez um biffe, ou não córou um frango, póde vir a ser socio do Gremio... e da Academia das sciencias e lettras, mas não póde ter voto a respeito de um prato do Matta. O Matta é o Mongini da arte de cantar na cosinha; dá o *dó;* é inspirado, é imaginoso, é poetico, é suavissimo: não basta pagar-lhe em dinheiro, merece bravos, merece palmas, merece as saudações da imprensa!

Não cuidem que o seu destino seja isempto de transtornos, dissabores e perigos. Se um dia houver um diario official dos gastronomos, hão de ver no alto da primeira pagina o boletim quotidiano da importante saude d'este cosinheiro celebre, e ha de observar-se então a que alternativas estão sujeitos seus frageis e gloriosos dias!

Pensem nos vapores que o carvão exhala, e que vão minando a pouco e pouco a

saude mais vigorosa: lembrem-se da labareda e do fumo, de tão perniciosos resultados para os pulmões e para a vista: e considerem que o Matta vive no centro d'esses perigos como o soldado entre as ballas, com a differença aggravante de que para elle todos os dias que Deus manda ao mundo são dias de combate, e é combate que não dá gloria, nem postos, nem condecorações!

O cosinheiro é, de direito, o melhor amigo do homem. Todo o amphitrião zeloso da excellencia de sua mesa deve por todos os meios ao seu alcance tratar de remediar a injustiça com que se acolhe este benemerito. A saude do Matta devia dar todos os dias noticias suas na chronica das folhas publicas, para socego do paiz. Cumpre velarmos por seu bem estar com a mais terna vigilancia, e dispensarmos-lhe as attenções e cuidados de que os corações delicados conhecem o valor!

N'elle o conselho é tudo. Napoleão fazia um gesto e o mundo abalava-se; o dedo indicativo do Matta gosa tambem d'essas prerogativas. As geléas estremecem de jubilo ao vel-o; a geléa ia morrer e elle salvou-a; por mil feitios, por mil graças, por

mil donaires, conseguiu tornal-a outra vez prato da moda,—essa velha geléa que data do paraiso! Do paraiso. A serpente não seduziu Eva com uma maçã, como se espalhou; não havia ainda maçãs, a maçã é muito mais moderna: seduziu-a com geléa. Geléa, que se tirava da resina dos arvoredos!

No dia 8, isto é, depois d'ámanhã, principia o Matta os jantares de mesa redonda. Ahi é que é vel-o, ahi é que é sentil-o em cada acepipe! É o poeta do jantar. Que olfato, que paladar! O cheiro permanente das fornalhas não lhe tem estragado o céo da bocca; conserva a delicadeza, o tacto, a fina sensibilidade de que depende a susceptibilidade do orgão do gosto; não se deixa levar de manias extravagantes, a arte é a sua bandeira, vae atraz do bello ideal sem se deixar vencer do máo gosto de alguma innovação que lhe não pareça elegante; recto, consciencioso, inflexivel, como o coração de um juiz velho!

Os amadores andam já a fazer-lhe visitas, e perguntas. A sua divisa é bem conhecida. «Á gloria da mesa!» Os gastronomos hão de compôr-lhe um hymno com o andar dos tempos, porque no nosso paiz

o amor do ventre é um dos sentimentos mais nacionaes. O gastronomo é o fanatico moderno; comer, comer, comer! Sei de um que comprou uma vez uma tartaruga e foi para casa acompanhado por um gallego que a levava no sacco. A criada, assim que lhe abriu a porta, gritou-lhe logo com o maior jubilo:

—Ó senhor, ó senhor, a senhora teve agora o seu bom successo!

—É possivel! exclama o sujeito;—olha, Maria, comprei uma tartaruga...

Chega o medico, e diz-lhe:

—Alegre-se, meu amigo, tem um menino, um magnifico menino!

—Um menino, doutor! um menino! que ventura!—Já viu esta tartaruga que eu comprei...

Empurram-o para a alcôva nupcial.

—Oh! minha querida mulhersinha! exclama abraçando-a; minha rica Guilhermina, o que não has de ter soffrido!—Olha, trago-te uma tartaruga...

A esposa apenas tem forças para lhe estender a mão.

—Seis tostões! murmura elle.

—Quanto sou feliz! consegue emfim dizer a doente com sensibilidade.

—Querida esposa!

Mas, preoccupado sempre pela tartaruga, o sujeito prosegue:

—E em estando fartos de a vermos n'agua, mandamol-a guisar e fazer sôpa!

A obra do Matta não se recommenda, não se encarece, não se louva, não se escreve,—come-se. É um poema cheio d'actualidade, em que cada estrophe é um prato. Depois d'ámanhã é o grande dia d'abertura. Até aqui as exposições do mostrador teem sido apenas o prefacio d'esta *Illiada* do humano appetite; de Homero tem duvidado muita gente; do Matta, de domingo em diante, quem ousará duvidar!?

FIM

Historia da organisação dos Bancos, commerciaes, industriaes, agricolas, territoriaes ou hypothecarios..... 500

Fernandez y Gonzalez

Casada e Virgem, romance historico, traducção de Porphyrio José Pereira 2 vol..... 700

Dr. Samuel La'Mert

A Preservação pessoal, tratado medical sobre as doenças dos orgãos da geração, obra ornada com numerosas estampas..... 600

E. Augusto Vidal

Folhas soltas, poesias..... 500

Celestino Soares

O Sapateiro d'Azeitão, romance historico... 500

Camillo M. Froes

Caricaturas á penna, com o retrato do author. 500

Braz Martins

Tributo saudoso á memoria do Senhor Rei D. Pedro V, poemeto..... 160

Abreu Castello Branco

Oração funebre nas exequias do Conde de Cavour, em Santo Antonio da Sé..... 100

Gutierres da Silva

Atraz da noiva, romance original contemporaneo, 2 vol..... 720

A. Varella

Os Miseraveis da Aristocracia, romance social contemporaneo, 2 vol.....1000

Cunha Bellem

Onde está a infelicidade, romance original... 320

M. H. Beecher Stowe

A Cabana do pae Thomaz, ou a vida dos negros da America, romance 2 vol..... 600

J. F. Smith

Mulher e marido, escrava e senhor, romance 4 vol. com estampas.....2000

PQ
9261
M25A16
18--

Machado, Julio Cesar
Trechos de folhetim

PLEASE DO NOT REMOVE

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 05 14 005 7